

Cadernos IHU em formação

**Os desafios de viver a fé em uma sociedade
pluralista e pós-cristã**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos IHU em formação

Ano 3 – N° 24 – 2007

ISSN 1807-7862

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta - Unisinos
Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos
Prof. Dr. Laurício Neumann – Unisinos
MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos
Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos
Esp. Susana Rocca – Unisinos
Profa. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Gilberto Dupas – USP - Notório Saber em Economia e Sociologia
Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos – UFJF – Doutor em Sociologia
Profa. Dra. Maria Victoria Benevides – USP – Doutora em Ciências Sociais
Prof. Dr. Mário Maestri – UPF – Doutor em História
Prof. Dr. Marcial Murciano – UAB – Doutor em Comunicação
Prof. Dr. Márcio Pochmann – Unicamp – Doutor em Economia
Prof. Dr. Pedrinho Guareschi – PUCRS - Doutor em Psicologia Social e Comunicação

Responsável técnico

Laurício Neumann

Revisão

André Dick

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.unisinos.br/ihu

Sumário

Jesus Cristo: a alegre e agradável mensagem de uma nova liberdade <i>Entrevista com Hans Küng</i>	4
O cristianismo na ultramodernidade <i>Entrevista com Jean-Paul Willaime</i>	7
“O cristianismo cumprirá uma nova função no mundo que está por nascer” <i>Entrevista com Marcel Gauchet</i>	11
Cristianismo é a religião da pós-modernidade <i>Entrevista com Gianni Vattimo</i>	13
Cristianismo, uma mensagem de convívio fraternal <i>Entrevista com Álvaro Valls</i>	19
A fé é a experiência íntima do ser amado por Deus <i>Entrevista com Didier Long</i>	23
O desafio de acessar a dimensão de profundidade do cristianismo <i>Entrevista com Faustino Teixeira</i>	27
Manter viva a chama interior: desafio do cristianismo <i>Entrevista com Leonardo Boff</i>	30
A fé é dada pela Graça <i>Entrevista com Luiz Felipe Pondé</i>	32
“O mundo secularizado carece, desesperadamente, dos sinais da fé” <i>Entrevista com Martin Dreher</i>	34
“Temos mais razões para ser cristãos hoje do que em outras épocas” <i>Entrevista com Plínio de Arruda Sampaio</i>	37
“A fé cristã é um confiar-se a Deus que se revela no Cristo” <i>Entrevista com Rosino Gibellini</i>	39
“A fé é a entrega radical a Deus” <i>Entrevista com João Batista Libânio</i>	42
Sobreviver e conviver <i>Entrevista com Paulo Soethe</i>	47

Jesus Cristo: a alegre e agradável mensagem de uma nova liberdade

Entrevista com Hans Küng

Hans Küng é teólogo suíço e padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II e destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global, em Tübingen. Dedica-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras como **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana** (São Paulo: Paulinas, 1992); **Uma ética global para política e economia mundiais** (Petrópolis: Vozes, 1999); **A Igreja Católica** (Rio de Janeiro: Objetiva, 2002); **Religiões do Mundo: em busca dos pontos comuns** (Campinas: Verus Editora, 2004); **Por que ainda ser cristão hoje?** (Campinas: Verus Editora, 2004); **Freud e a questão da religião** (Campinas: Verus, 2006); e **O princípio de todas as coisas** (Petrópolis: Vozes, 2007).

Para conhecer sua trajetória, aconselhamos conferir o primeiro volume do seu livro de memórias **Libertad conquistada** (Madrid: Trotta, 2004).

Hans Küng esteve no Brasil nos dias 22 a 26 de outubro de 2007, para um roteiro de conferências sobre **Ciência e Fé. Por uma Ética Mundial**. Na Unisinos, no dia 22 de outubro de 2007, falou sobre as “Religiões mundiais e Ética Mundial”. No dia 21 de dezembro de 2006, Küng concedeu uma entrevista especial à **IHU On-Line** sobre as razões que ainda podemos ter para sermos cristãos nos dias atuais, publicada nas **Notícias**

do Dia do site do IHU (www.unisinos/ihu). Os **Cadernos Teologia Pública** de número 33, de 2007, publicaram um texto de sua autoria, intitulado **Religiões mundiais e Ethos Mundial**.

IHU On-Line – Por que ainda ser cristão hoje?

Hans Küng – A base da espiritualidade cristã é simplesmente este Jesus de Nazaré como o Mессias, o Cristo. Jesus Cristo é o fundamento da legítima espiritualidade cristã. E quem é cristão? Não aquele que cultua um “fundamentalismo” (de cunho protestante, católico-romano ou oriental-ortodoxo), porém quem tenta em seu caminho de vida pessoal (e cada cristão, cada cristã tem seu próprio caminho) orientar-se praticamente por este Jesus Cristo e quem se esforça (e mais não é solicitado). Esta autêntica espiritualidade cristã nunca se tornou tão nítida para mim como naquela igreja de San Salvador, onde o arcebispo Oscar Romero, engajado defensor dos direitos de seu povo, foi baleado diretamente a partir de um automóvel, e onde eu, simultaneamente, pensei no evangélico lutador pela resistência Dietrich Bonhoeffer, no americano defensor dos direitos humanos Martin Luther King e no sacerdote polonês Jerzy Popieluszko. Todos eles mostraram que tal espiritualidade pode ser mantida até mesmo em direção à morte violenta.

IHU On-Line – Na atual sociedade da técnica e da ciência, muitas pessoas não têm problemas com a dogmática cristã?

Hans Küng – O mais urgente e libertador, para nossa espiritualidade cristã, é não nos orientarmos tanto, seja teológica ou praticamente, pelas tradi-

cionais formulações e regulamentações dogmáticas tradicionais, porém novamente mais pela específica figura que deu o nome ao cristianismo. Ela, certamente, só pode ser reconhecida através das “antipáticas sepulturas da história” (Lessing), mas também pode sempre ser novamente vista num novo contexto. Parâmetro para esta orientação, não deve, todavia, ser um Cristo sonhado, porém unicamente o verdadeiro Cristo histórico, que certamente podemos reconhecer através do Novo Testamento. Mesmo teólogos tagarelam, por vezes, irrefletidamente sobre a “legendariedade” dos evangelhos, e leigos tomam apresentações romanceadas, como *O código da Vinci*, por relatos históricos. Sobre muitos detalhes das fontes neotestamentárias elaboradas em seu todo por pessoas humanas, pode-se certamente discutir. Sem dúvida, a pessoa histórica não nos é diretamente disponível, mas os evangelhos nos permitem certamente reconhecer a figura humana concreta de Jesus em seu perfil e em sua histórica inconfundibilidade. Em relação a isto, todos os exegetas críticos sérios estão de acordo.

IHU On-Line – De que forma os ensinamentos de Jesus podem contribuir para a melhor compreensão de nossa sociedade?

Hans Küng – Para a práxis de nossa vida, o decisivo da mensagem de Jesus é plenamente único: a alegre e agradável mensagem de uma nova liberdade:

- precisamente, em tempos de febre da bolsa e de ‘shareholder value’ (paixão acionária), não se deixar dominar pela ganância por dinheiro e prestígio;
- precisamente, em tempos de uma política imperialista reavivada, não se deixar influenciar pela vontade de poder;
- precisamente, em tempos de uma desestabilização sem precedentes e de um consumismo ilimitado, não se deixar escravizar pelo instinto sexual, nem pela sede de gozo e satisfação;
- precisamente, em tempos nos quais unicamente a eficiência parece perfazer o valor dos ser humano, empenhar-se pela dignidade humana dos fracos, “improdutivos” e pobres.

Trata-se, no dia-a-dia, tendo em vista o reino de Deus, de procurar viver segundo a vontade divina e de manter o olhar para o bem do próximo que precisamente nos necessita: não querer dominá-lo, porém tentar servi-lo tanto quanto realmente pudermos. Praticar o bem e perdoar, observando-se deveres elementares da humanidade, como não matar, mentir, roubar nem abusar da sexualidade. Porém, para o que nos convida o Sermão da Montanha, em vez de apenas andar “a milha” obrigatória e, segundo o caso, as “duas milhas”: não como lei universal, porém, de caso a caso, como engajamento despretensioso pelo próximo, num amor criativo, não exigido por nenhuma lei, que também respeita o adversário e não liquida o inimigo.

Uma espiritualidade satisfatória, libertadora, da não-violência, da misericórdia e da paz. Uma espiritualidade da alegria. Uma espiritualidade que não deposite nos ombros das pessoas fardos morais que elas não podem carregar, que precisamente prometa seu alívio, pois por si sós já são “sofridos e onerados”. Uma espiritualidade que congregue e não separe.

IHU On-Line – Tais convicções e posturas não são, porém, difíceis de viver em nosso mundo?

Hans Küng – Naturalmente, sabemos muito bem que a mensagem libertadora de Jesus pode ter conflitos como consequência. Fortalece-nos – e por vezes também nos consola – saber que mesmo aquele ao qual apelamos, com base em sua mensagem e práxis, entrou em confrontação com o establishment religioso-político de seu tempo. Foi demasiado radical sua crítica à religiosidade tradicional e ao exercício do poder dos governantes. Demasiado liberal seu trato com a lei religiosa, com o Sábado, com as prescrições de purificação e alimentação. Demasiado escandalosa sua solidarização com pobres, miseráveis, “pobres diabos”; ele não se compadece do Sumo-sacerdote, mas do povo. Demasiada indulgência mostra ele, para irritação dos devotos, com transgressores da lei, com “pecadores”. Ele não anuncia uma nova lei, porém o amor como cumprimento da lei. A chance para o caso individual: perdoar, mesmo onde o outro não o merece. Renúncia que ultra-

passa mesmo a pura justiça. Um serviço que não se atém simplesmente à ordem hierárquica. Nessa direção, miram os ditos e parábolas de Jesus e mesmo sua práxis exemplar que, corretamente entendida, não sobrecarrega o ser humano, porém sempre de novo o desafia.

IHU On-Line – Mas o que significa, então, sua cruz e sua ressurreição?

Hans Küng – O destino de Jesus nos é conhecido: sua ação de protesto contra o comércio do Templo, cuja hierarquia e beneficiário foi certamente a provocação decisiva, que conduziu finalmente à sua prisão e condenação. O nazareno foi condenado pela autoridade romana como político revolucionário, o que ele não era. Assim, ele morreu como jovem varão de bem 30 anos, traído e renegado por seus discípulos e adeptos, escarnecido e vilipendiado por seus adversários, abandonado por Deus e pelos homens. Desde então, a cruz é a marca característica, o distintivo do cristão. E é a cruz que possibilita a mim e a cada crencente superar também o negativo, muitas vezes dificilmente suportável, como a dor, a culpa, a insensa-

tez e a morte. Jesus Cristo não é um nada, mas é a realidade mais real, que morreu para dentro do próprio Deus. E se começou, então, a ver de outra forma e interpretar de outra maneira a pessoa do Mestre de Nazaré. Desde então, ele é e permanece ele próprio a corporificação viva de sua causa: a causa do Reino de Deus.

Desde então, é claro que Jesus Cristo e somente ele, que está pelo próprio Deus, é a base da espiritualidade cristã. Como o formula claramente o apóstolo Paulo: “Ninguém pode pôr outro fundamento do que aquele que está posto: Jesus Cristo” (1 Cor 3, 11). Ou, como está expresso no Evangelho de João: Ele é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6). Sim, isto significa espiritualidade cristã na práxis: entregar-se a este caminho, a esta verdade, a esta vida e orientar-se por ele no dia a dia, procurando segui-lo. Bem ou mal, como o é o jeito humano, porém sempre novamente impulsionado por seu Espírito, que é o Espírito de Deus. Como Espírito de Jesus Cristo, este espírito não pode ser confundido com nenhum outro espírito (espírito de massa, espírito de função, falta de espírito).

O cristianismo na ultramodernidade

Entrevista com Jean-Paul Willaime

Jean-Paul Willaime é diretor de estudos da seção de Ciências Religiosas, na École Pratique des Hautes Études, na França. “É porque o cristianismo distingue o espiritual do temporal que sua história é marcada pelas tensões e conflitos entre esses dois poderes. É incontestável que existem raízes cristãs na secularização e que o cristianismo contribui para a autonomização das diversas esferas de atividades humanas em relação às instituições religiosas e suas pretensões de poder (mais uma vez, isso não se fez sem choques e dificuldades)”, afirma Jean-Paul Willaime. Em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, em dezembro de 2004, o pesquisador afirma que, diante de uma modernidade triunfante conduzida pelas ideologias do progresso, pode-se pensar que quanto mais a modernidade avançava, mais o religioso recuava. “Hoje, nós estamos numa outra situação, na qual a modernidade desmistificadora se encontra ela própria desmistificada, o que chamamos de ultramodernidade. Diante de uma ultramodernidade que pode descarrilar, chegando a questionar os próprios ideais dos quais ela foi condutora, em particular dos direitos fundamentais, diante de uma ultramodernidade que pode sacrificar o futuro no presente, as religiões constituem recursos de sabedoria e de ética dos quais se está redescobrindo a pertinência pública”, afirma Willaime. O professor pesquisa o mundo sociológico protestante contemporâneo na sua diversidade (luteranos, reformados, batistas, pentecostais...) e em seus aspectos geográficos (Europa e outros continentes); os cristãos ecumênicos (católicos e protestantes, particularmente); a evolução das religiões e o religioso nas sociedades ocidentais; e sociologia das religiões: história, teorias e métodos. Entre

suas principais publicações, citamos os livros **La précarité protestante. Sociologie des protestantismes contemporains** (Genebra: Labor et Fides, 1992); **Sociologie des religions** (2. ed. Paris: PUF, 1998); e **Sociologies et religion. Approches classiques** (Paris: PUF, 2001), com Danièle Hervieu-Léger.

IHU On-Line – Que distinção o senhor estabelece entre os aspectos institucionais e os culturais da secularização?

Jean-Paul Willaime – A secularização, sob o ponto de vista institucional, diz respeito às relações Igrejas-Estado, mais amplamente, as relações entre as Igrejas e as instituições públicas. O aspecto mais importante é o da separação Igrejas-Estado, ou seja, a autonomia respectiva do político e do religioso e tudo no que ela implica (neutralidade do Estado, implicando o tratamento igual das pessoas, sejam quais forem suas opções religiosas ou filosóficas, liberdade de consciência e de religião, incluindo a liberdade de não se ter religião). A secularização institucional é um processo histórico no qual se viu desenvolver a autonomização de diferentes instituições e esferas de atividades em relação ao religioso nos campos econômico, político, educativo, médico, social e cultural. Os aspectos culturais da secularização se referem às atitudes e às representações dos indivíduos e dos povos no campo religioso. A secularização institucional não está necessariamente ligada a uma forte secularização cultural, ainda que haja ligações entre esses dois aspectos. Assim, uma sociedade na qual existe separação das igrejas e do Estado, pode continuar muito religiosa em relação à sua vida social e cultural e no que tange às

práticas e representações dos indivíduos. Um exemplo clássico desse caso é os Estados Unidos. Ao contrário, sociedades nas quais não existe separação das Igrejas e do Estado podem ser muito secularizadas no plano sociocultural: é o caso de países da Europa do Norte como a Dinamarca e a Noruega.

IHU On-Line – Como o cristianismo e a secularização, de ambas as partes, podem ter contribuído para evitar excessos na história da humanidade?

Jean-Paul Willaime – Mesmo se a história do cristianismo mostra que existiram inúmeras interferências, comprometimentos e mesmo confusões entre o poder temporal e o poder espiritual, consta que esta religião foi e é condutora de um princípio fundamental de distinção entre o espiritual e o temporal (“a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”). É porque o Cristianismo distingue o espiritual do temporal que sua história é marcada pelas tensões e conflitos entre esses dois poderes. É incontestável que existem raízes cristãs na secularização e que o cristianismo contribuiu para a autonomização das diversas esferas de atividades humanas em relação às instituições religiosas e suas pretensões de poder (mais uma vez, isso não se fez sem choques e dificuldades). A secularização é um bem precioso, pois a autonomia entre religião e política é uma regra fundamental na democracia. Pela autonomia, a política protege a sociedade das tentações teocráticas das religiões, sua propensão a querer construir a cidade de Deus sobre a terra, regendo as sociedades e as consciências segundo seus princípios. Pela autonomia, o religioso protege igualmente o político contra suas tentações absolutistas e o risco do totalitarismo. A tensão entre religião e política é fecunda, pois ela é benéfica tanto para o religioso quanto para o político. Graças ao político e à autonomização do direito, pôde-se dissipar na Europa as intolerâncias religiosas. Quanto ao cristianismo, é interessante constatar hoje o papel positivo que ele desempenhou na saída do totalitarismo de sociedades vítimas do comunismo. Atualmente, as igrejas cristãs estão à frente do combate pelo respeito dos direitos humanos fundamentais.

IHU On-Line – Em que consiste o divórcio entre as representações e as organizações religiosas? Como se apresentam os laços que vinculam as crenças às comunidades e às instituições?

Jean-Paul Willaime – As próprias igrejas são trabalhadas pela secularização e pode-se falar de uma secularização interna do cristianismo. Dito de outra forma, a individualização e a subjetivação penetraram as próprias consciências religiosas que recusam a imposição das verdades de forma autoritária e obrigatória. A consciência religiosa reivindica sua liberdade e pratica um exame livre. Tanto na forma de se reportar a uma verdade religiosa como na forma de vivê-la socialmente, as coisas evoluíram. Há uma revolução na forma de ser religioso, que é contrária àquela de matar em nome das religiões (que, infelizmente, continua em vários países). Essa revolução consiste na abertura das consciências religiosas a uma percepção positiva da pluralidade das religiões. O Brasil, sob esse ponto de vista, é uma terra de eleição na mesma proporção em que o encontro e o hibridismo de sensibilidades espirituais diversas é forte. Isso não tende, necessariamente, ao relativismo e ao consumismo religioso como se escolhêssemos uma religião e a mudássemos conforme gostos e aspirações. Isso existe certamente, mas há também evoluções que mostram que as consciências religiosas aprendem, pouco a pouco, a conjugar sua identificação religiosa com o fato incontestável de que existem várias religiões e, no próprio interior de uma religião, várias formas de compreendê-la e de assumi-la. As pesquisas efetuadas na Europa mostram que, hoje, poucas pessoas estimam que sua religião é “a única verdadeira”, mas que há “verdades em todas as religiões”. Quanto à forma de viver socialmente a religião, ela está mais flexível. As pessoas se sentem menos vinculadas à residência eclesiástica. Sua participação vai variar em intensidade e em estilo segundo sua trajetória. Atualmente, se pertence menos a uma instituição religiosa e se participa de forma mais ou menos regular das atividades que ela propõe. A sociabilidade religiosa se desenvolve em redes de afinidades, ultrapassando as inscrições locais.

IHU On-Line – Como se apresenta, na experiência religiosa, a dimensão individual e comunitária? E como isso se reflete na sociedade em geral?

Jean-Paul Willaime – As evoluções descritas anteriormente não significam que a individualização resultaria no desaparecimento das comunidades religiosas ou, quem sabe, em seu enfraquecimento. Essas evoluções provocam, na realidade, reações tradicionalistas, tanto no mundo católico como no mundo protestante, que manifestam uma preocupação de reortodoxização e de afirmações fortes das identidades confessionais. A conjuntura religiosa atual é, dessa forma, também marcada pelo ressurgimento de integrismos e de fundamentalismos. Mas seria um erro focar-se somente nestas tendências radicais. Várias formas de um cristianismo de convicção, que articulam militância pessoal, individualização e senso comunitário, se reafirmam hoje. É o que chamo de individualismo comunitário, ou seja, a participação dos indivíduos em grupos e redes convencionais que, tendo uma forte identidade comunitária, permitem às pessoas viver sua religião individualmente, ao mesmo tempo que estão conectadas a assembleias que as integram socialmente. É o que se observa, principalmente, na esfera do protestantismo evangélico. Na sociedade global, o ressurgimento de um cristianismo de conversão aparece congruente à secularização. Não se trata mais de reconquistar o poder perdido das igrejas sobre a sociedade e os indivíduos (mesmo que essas tendências também existam), mas de desenvolver sua mensagem e sua ação em sociedades secularizadas e pluralistas visando antes aos indivíduos. É um modo de desdobramento das convicções religiosas que toma partido da secularização. É nesse sentido que eu digo que a perda efetiva de poder do cristianismo e sua própria renúncia ao poder é a condição de possibilidade de uma nova pertinência social de sua mensagem.

IHU On-Line – O que o cristianismo poderia dizer ainda ao ser humano contemporâneo, com seus problemas e suas aspirações mais agudas?

Jean-Paul Willaime – O cristianismo constitui um recurso simbólico muito rico, podendo permitir aos indivíduos de inscreverem suas vidas num horizonte de sentido e de esperança, vivendo plenamente suas vidas de homens ou de mulheres de seu tempo. Quatro dimensões me parecem essenciais: 1) assumir uma identidade, em particular cristã, permite aos indivíduos constituírem-se como atores, como sujeitos de suas existências e de suas histórias (a identidade cristã como recurso de motivações e de ação); 2) a dimensão ética, o laço muito forte estabelecido pelo cristianismo entre sua mensagem de sentido e de esperança e a preocupação do mais pobre e da dignidade de cada ser humano; 3) a dimensão universal, a preocupação, declinando sua própria identidade religiosa, do humano, do homem além das diferenças de cultura, de línguas, de religiões; e 4) o respeito e a promoção do laicismo, a saber, a renúncia ao clericalismo e a aceitação do contexto secularizado e pluralista das sociedades.

IHU On-Line – Em que sentido a chegada da modernidade ajudou a religião a melhor compreender seu lugar no mundo, e o ser humano a encontrar uma legitimação baseada nele mesmo?

Jean-Paul Willaime – Diante de uma modernidade triunfante conduzida pelas ideologias do progresso, pode-se pensar que quanto mais a modernidade avançava, mais o religioso recuava. Hoje, nós estamos numa outra situação na qual a modernidade desmistificadora se encontra ela própria desmistificada, o que chamo de ultramodernidade. Se a modernidade consistiu em mudanças e certezas, a ultramodernidade consistiu em mudanças e incertezas. No regime ultramoderno da incerteza e do risco (ecológico, econômico, político, científico...), se está na mesma condição de redescobrir a contribuição civilizacional das religiões. Diante de uma ultramodernidade que pode descarrilar, chegando a questionar os próprios ideais dos quais ela foi condutora, em particular dos direitos fundamentais, diante de uma ultramodernidade que pode sacrificar o futuro no presente, as religiões constituem recursos de sabe-

doria e de ética dos quais se está redescobrindo a pertinência pública.

IHU On-Line – O senhor gostaria de acrescentar alguma outra questão que julga importante?

Jean-Paul Willaime – Minhas análises se inspiram nas de Anthony Giddens¹, Ulrich Beck² e Jür-

gen Habermas³. Publiquei, ultimamente, uma obra na qual faço considerações sobre a Europa: ***Europe et religions. Les enjeux du XXI ème siècle***. Paris: Fayard, 2004.

¹ Anthony Giddens: sociólogo inglês, foi diretor da “London School of Economics and Political Science” (LSE). Giddens é autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e de inúmeros artigos. Em 1985 foi co-fundador da “Academic Publishing House Polity Press”. É também conhecido como o mentor da idéia da Terceira Via. Entre suas obras publicadas em português citamos ***As consequências da Modernidade*** (Oeiras: Celta, 1992); ***Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber*** (Lisboa: Editorial Presença, 1994); e ***Transformações da intimidade – Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*** (Oeiras: Celta Editora, 1996). (Nota da **IHU On-Line**).

² Ulrich Beck é sociólogo alemão da Universidade de Munique. Autor de ***A sociedade do risco***. Beck argumenta que a sociedade industrial criou muitos novos perigos de risco desconhecidos em épocas anteriores. Os riscos associados ao aquecimento global são um exemplo. O livro mais recente de Ulrich Beck é ***Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation*** (Paris: Aubier. 2003). Publicamos uma resenha desse livro, escrita por Christian Chavagneux, na **IHU On-Line** número 84, de 17 de novembro de 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

³ Crítico da doutrina positivista e da ideologia dela resultante, o tecnicismo, o filósofo alemão Jürgen Habermas é um dos mais ilustres representantes da segunda geração da Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

“O cristianismo cumprirá uma nova função no mundo que está por nascer”

Entrevista com Marcel Gauchet

*Marcel Gauchet, diretor de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França, e redator-chefe da revista Débat, é autor dos livros **Le désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion** (Paris: Gallimard, 1985); **La Religion dans la démocratie. Parcours de la laïcité** (Paris: Gallimard, 2001); **La Démocratie contre elle-même** (Paris: Gallimard, 2002); e **La condition historique** (Paris: Stock, 2003). Com Luc-Ferry acaba de publicar, em outubro último, o livro **Le religieux après la religion** (Paris: Grasset, 2004) e **Un monde désenchanté?** (Paris: L'atelier, 2004). Ele concedeu a entrevista, a seguir, por e-mail, à IHU On-Line, em dezembro de 2004.*

IHU On-Line – Qual é o lugar que tende a ocupar o cristianismo no século XXI? Qual é o verdadeiro debate em torno da questão religiosa, segundo seu ponto de vista?

Marcel Gauchet – Depende muito do ponto em que a gente se situa. A situação não é a mesma na Europa, nos EUA, na América Latina. Do ponto de vista europeu, o século XXI se anuncia como o século da marginalização social e política do cristianismo. Mas uma marginalização que abre ao cristianismo a possibilidade de jogar um papel espiritual e moral muito importante. Podemos dizer que se trata de uma situação excepcional em todo o mundo, se a comparamos com a grande vitalidade que o cristianismo institucional tem na América do Norte ou Sul ou nas outras regiões do mundo. Eu acredito que é um erro. A Europa, neste ponto, anuncia o futuro. O cristianismo só poderá continuar exercendo um papel significativo no futuro

se ele renunciar à vontade de controlar a sociedade e a política. Ele não tem mais recursos para isso, mesmo lá onde ele aparece, ainda, com muita força. Ele está sendo chamado para uma outra função no mundo que está por nascer. Aparentemente, lendo os jornais, o debate prioritário em torno da questão religiosa hoje é aquela que diz respeito ao fundamentalismo. Mas este, na realidade, é um debate do passado. Seguramente, o fundamentalismo vai continuar a fazer muito barulho durante o século XXI, mas o verdadeiro problema está além. Trata-se de saber o que as religiões em geral e o cristianismo em particular podem aportar às sociedades que elas não dominam nem organizam mais.

IHU On-Line – Para a construção da pessoa e a construção de um outro mundo alternativo ao atual, a religião é ou não importante?

Marcel Gauchet – É preciso iniciar dizendo claramente que a religião não é capaz de construir por ela mesma um mundo alternativo àquele no qual nós vivemos. O Sermão da Montanha não é um programa social e político. A religião pode contribuir na edificação de um mundo alternativo somente se admite que ela não será mais que um componente entre outros, ao lado de componentes não religiosos, e que a regra deste mundo deverá ser feita por pessoas que vivem fora da religião.

IHU On-Line – Qual é a relação entre religião e valores? Liberdade, igualdade e fraternidade são aspirações anteriores à democracia. Como podem as religiões em ge-

ral e, particularmente, o cristianismo enriquecer a democracia?

Marcel Gauchet – É verdade. A democracia não inventou tudo. Mas ela realiza as aspirações que existiam antes e isso faz uma grande diferença. Para enriquecer a democracia, é preciso começar por aceitá-la sem mais nem menos, até o fim. Poucos cristãos são, ainda, capazes, hoje, de fazê-lo plenamente. Aceitar a democracia significa não só admitir o pluralismo das religiões, mas admitir que não há uma ordem social cristã, que não há uma política cristã, que Deus não se ocupa escrevendo constituições. A democracia significa a liberdade dos homens de definir as regras do mundo, eventualmente baseadas em convicções religiosas, mas sabendo muito bem que são convicções humanas, que se as religiões e o cristianismo em particular tiverem aceitado sem reservas esta autonomia metafísica da sociedade humana, elas terão a possibilidade de se tornarem referências essenciais do debate público, enquanto um neoclericalismo de esquerda as faria serem rejeitadas. Elas poderão ser, então, um verdadeiro poder filosófico. O que ameaça a democracia, hoje, é o vazio, a futilidade, o esquecimento, a facilidade, o curto prazo, a superficialidade. As religiões e o cristianismo, em particular, têm o sentido do essencial, do trágico, do mistério da aventura humana, todas as coisas que a democracia facilmente ignora. Elas podem ser decisivas para a democracia.

IHU On-Line – O que as religiões e o cristianismo podem ainda dizer aos problemas de nossos contemporâneos?

Marcel Gauchet – Creio ter dito o principal na minha resposta precedente. O cristianismo fala aos nossos contemporâneos tudo aquilo que o mundo democrático tende espontaneamente a esquecer, mas que está aí, a começar pela doença, pelo sofrimento e pela morte. Não há e dificilmente poderá haver uma cultura democrática destas realidades. Assim, as religiões continuam e continuarão a dizer algo mesmo para pessoas que não são crentes.

IHU On-Line – Como a sociedade do mercado influencia a religião e como se poderia esperar influência inversa?

Marcel Gauchet – Como em tudo, há um mercado das religiões. As religiões lutam, num certo sentido, para se vender! Para sair da lógica do mercado, há somente um caminho: a aceitação por parte dos indivíduos e das coletividades da autolimitação das suas necessidades, frente às ofertas de toda espécie que lhes são oferecidas. Serão as religiões capazes de armar os indivíduos e as coletividades para esta autolimitação? Elas podem contribuir, mas é evidente que elas sozinhas não são suficientes para tal tarefa. Elas devem se aliar a outras forças morais e filosóficas para isso. É uma mobilização que devemos fazer e que diz respeito a todos os cidadãos.

O cristianismo é a religião da pós-modernidade

Entrevista com Gianni Vattimo

Gianni Vattimo, filósofo italiano e deputado do Parlamento Europeu, é professor de Filosofia na Universidade de Turim, considerado um dos maiores filósofos europeus, é autor de inúmeros livros, entre os quais destacamos **O fim da Modernidade. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna: uma contribuição significativa ao atual debate filosófico** (São Paulo: Martins Fontes, 1996); **Acreditar em acreditar** (Lisboa: Relógio D'água, 1998); **A religião** (São Paulo: Estação Liberdade, 2000), em colaboração com Jacques Derrida; e **Depois da cristandade** (Rio de Janeiro: Record, 2004). Este livro e **Acreditar em acreditar** foram tema de uma oficina ministrada no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, realizado na Unisinos, de 24 a 27 de maio de 2004.

De Gianni Vattimo, publicamos um artigo na **IHU On-Line** número 53, de 31 de março de 2003, intitulado “A guerra pelos direitos humanos? Não é um direito” e outro no número 80, de 20 de outubro de 2003, intitulado “Democracia, killer da metafísica”.

O filósofo concedeu entrevista exclusiva, por telefone, à **IHU On-Line**, de 15 de dezembro de 2003, falando do seu gabinete no Parlamento Europeu, na Bélgica.

IHU On-Line – Como o senhor caracteriza o que chama de sociedade pós-metafísica?

Gianni Vattimo – Eu desenvolvo a idéia de pós-modernidade ao interpretar a metafísica ou a modernidade como uma visão da história que parte de uma idéia de desenvolvimento no qual o pensamento europeu-ocidental tem uma condição diretiva. Uma vez que saímos do século XX, quando se revoltaram os países coloniais, essa idéia de um único progresso humano, no qual o

Occidente é o ponto máximo, entrou em crise. Cada civilização tem-se revelado como uma cultura autônoma que tem sua própria história e é arbitrário incluí-las num único curso onde nós somos os desenvolvidos e os outros, os primitivos. No nosso mundo atual, não há mais uma civilização modelo, não há um critério objetivo, há uma multiplicidade que nos caracteriza.

IHU On-Line – Qual é o papel do cristianismo nessa civilização múltipla?

Gianni Vattimo – O cristianismo é a religião que aceita e limita as pretensões das outras religiões inclusive dela mesma. Limita quando se apresenta como a melhor, a exclusiva. Aceita porque, no cristianismo, está o princípio de que tudo pode ser mudado na história da interpretação do Evangelho, menos a caridade. Como religião da caridade, o cristianismo é a religião da pós-modernidade, no sentido que nega a idéia idólatra de que haja uma direção unitária verdadeira na história. A única direção verdadeira e unitária da história é a que nega exatamente isso. Perceber a religião do outro, buscando a abertura ao outro, à caridade, é fundamental e decisivo. Penso que a idéia mesma de multiculturalismo que existe principalmente na cultura ocidental é de origem cristã. Há um ditado, atribuído a Aristóteles, que diz “sou amigo de Platão, porém, mais amigo da verdade”. Esse ditado foi revolucionado pelo cristianismo: sou amigo da verdade, porém, mais amigo de Platão, ou seja, da pessoa. Não posso excluir ou matar alguém porque não diz a verdade. O multiculturalismo é um produto tipicamente cristão na cultura ocidental, embora a Igreja Católica e as cristãs não o tenham entendido nesse sentido.

IHU On-Line – Em que consiste o cristianismo não religioso do qual o senhor tem falado?

Gianni Vattimo – Não tenho idéias muito claras ainda, porque não posso imaginar uma transmissão das verdades cristãs sem as igrejas. Mas gostaria de uma Igreja mais aberta e menos autoritária, mais aberta às comunidades e tradições locais e às contaminações, no sentido literal da palavra, às misturas. O próprio Cardeal Ratzinger já não afirma mais o que antes se acreditava, que “fora da Igreja não há salvação”. Quando o Papa se encontra com Dalai Lama, ele não se preocupa em convertê-lo ao catolicismo, seria absurdo. Os dois sentam como duas pessoas que trabalham largamente num mesmo marco de espiritualização da vida. Isso não significa que eu creia menos em Jesus Cristo, mas tenho comprometida minha vocação cristã no interior de minha cultura. Eu, através do cristianismo, descubro também a possível verdade das outras religiões.

IHU On-Line – Para onde foi o Deus rígido, do juízo final, controlador e exigente?

Gianni Vattimo – Eu parto na minha reflexão sobre Deus da noção de *kénosis*, do abaixamento de Deus, que é um termo que utiliza São Paulo na carta aos Filipenses⁴. Ele abaixou-se até o ponto de se fazer homem e morrer na cruz. Esse é um conteúdo essencial do cristianismo. Não é somente um meio de comunicação como se Deus se tivesse travestido de pobre, mas finalmente é uma outra coisa. Ele mostrou-nos que a redenção da violência se pode realizar somente através de uma auto-redução muito profunda e muito radical.

IHU On-Line – Que dificuldade encontramos na pós-modernidade para viver o evangelho dessa maneira?

Gianni Vattimo – A idolatria nunca terminou. Quando dizemos que as leis do mercado são definitivas, absolutas, ou que a necessidade de desenvolvimento do PIB é lei, estas são maneiras idóla-

tras. É idólatra também o consumo excessivo, a idéia de enriquecimento sem limites. A violência sempre se renova. O pecado original não tem nada a ver com a história de uma maçã entre Adão e Eva: há em nós uma vontade de afirmação individual. Isso é o que toma sempre novas formas. Hoje tem a forma, inclusive, do absolutismo dos direitos humanos. Quando Bush bombardeia os iraquianos para impor a democracia, isto é uma forma de idolatria. Quando se tenta ser mais amigo da verdade que de Platão, se cai na idolatria de um objeto que pode justificar que eu mate meu próximo.

IHU On-Line – Qual foi a contribuição dada pelo cristianismo à política e à democracia?

Gianni Vattimo – Uma contribuição determinante. Não consigo imaginar uma democracia moderna inspirada somente na grega, porque essa democracia da *polis* grega consistia em cem pessoas discutindo na ágora, deixando de fora as mulheres, os escravos etc. Essa contribuição foi importante, mas, sem o aporte do cristianismo, a democracia talvez nunca tivesse tido lugar no Ocidente. Quando falo em contribuição do cristianismo à democracia, sou consciente de que isso aconteceu contra, inclusive, a atitude explícita, da Igreja católica. Eu penso, por exemplo, que, quando os revolucionários franceses mataram o rei no final do século XVIII, e a Igreja os excomungou, foram mais cristãos os revolucionários. Há uma presença da mensagem cristã, no profundo da tradição europeia e ocidental que trabalha, muitas vezes, contra as atitudes explícitas da Igreja.

IHU On-Line – Para onde caminham as instituições religiosas mais tradicionais?

Gianni Vattimo – Interessa-me muito o pensamento de Joaquim de Fiore, esse místico medieval que dizia que há idades no desenvolvimento do cristianismo. Nós estamos chegando à idade do espírito, uma interpretação menos literal do evan-

⁴ Vattimo se refere ao hino cristológico de Paulo na Carta aos Filipenses, 2, 5-11. **Kénosis**, em grego, que ocorre no versículo 7, é traduzido de várias formas: aniquilamento, rebaixamento, despojamento. A mais recente tradução da Bíblia, editada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 2001, traduz assim: “Ele (o Cristo), existindo em forma divina, não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se igual ao ser humano”. (Nota da **IHU On-Line**)

gelho em favor de uma leitura mais mística. Quando digo que ninguém hoje pode imaginar que os povos têm que se converter ao catolicismo para se salvar, quero dizer que se impõe uma civilização multicultural, uma visão que eu chamaria mais mística e menos institucional do cristianismo.

IHU On-Line – Que características está adquirindo o retorno ao religioso na Europa e no mundo?

Gianni Vattimo – Nesse retorno ao religioso, há também um componente reacionário como voltar-se para a família porque se tem medo do mundo, voltar-se à comunidade fechada etc. Mas o retorno ao religioso inclui culturalmente a pós-modernidade, a dissolução dos metarrelatos, a possibilidade de devires religiosos fundados sobre a dissolução da metafísica, quer dizer a dissolução dos fundamentos rígidos. Haveria, então, duas tendências.

IHU On-Line – Qual delas predominará?

Gianni Vattimo – É difícil saber. Caso se desenvolva uma situação de violência exterior no mundo, como o terrorismo ou a guerra, a tendência será regredir, voltar a se fechar. Inclusive na Europa, se assiste a um retorno das nacionalidades, do regional e do local, por exemplo. Isso é perigoso, porque pode dar lugar ao retorno de uma civilização fechada, a conflitos de grupos.

IHU On-Line – Sua visão é mais favorável a uma globalização, claro que em termos diferentes, da que estamos vivendo?

Gianni Vattimo – Sim. Uma globalização democrática, e não só econômica. Efetivamente, a globalização tem muitos problemas. Eu sou contra um mundo totalmente unificado como o que está se vislumbrando hoje, porque, se não há outro pólo de poder no mundo frente ao poder americano, seremos um único estado cosmopolítico. No entanto, como não se pode disciplinar o mundo todo, advém um estado terrorista, efetivamente. Eu prefiro um mundo com alguns pólos de poder que oscilem. Por isso, trabalho para a União Europeia; penso nisso com esperança.

IHU On-Line – Qual é a importância da Teologia Pública, ou seja, uma teologia que não seja para a formação de quadros eclesiáis, e sim que se deixe interpelar pelas outras ciências e as interpele?

Gianni Vattimo – Parece-me fundamental. Eu sempre disse isso nas universidades italianas. Nas universidades alemãs e na Europa do norte, os teólogos estudam nas universidades públicas, mas, na Espanha, na Itália, na França, as faculdades de Teologia são especificamente para formar clérigos, e não são públicas e tudo isso faz com que não haja uma comunicação entre o discurso teológico e o discurso secular. Isso é um dano para ambos os discursos.

IHU On-Line – Em que causas o senhor está mais envolvido e quais as que mais o preocupam?

Gianni Vattimo – Neste momento, na Itália, me sinto comprometido com um trabalho de secularização da Igreja, no sentido de que a Igreja italiana permanece muito empenhada em influenciar a política. Temos agora, no parlamento italiano, uma discussão sobre a fecundação assistida, questões de bioética, estatuto do embrião etc. A mim, me parece que a Igreja tende a fazer de sua concepção moral, que eu respeito, e tento também praticar, leis do Estado. Tende a não distinguir o pecado do crime legal. Isso é um regresso reacionário e de direita da atitude da Igreja, semelhante ao governo Berlusconi, um governo que não é fascista, porque Berlusconi é um comerciante, que necessita vender mercadorias, mas que pode virar, porque a direita está no governo e, em um momento, talvez, de tensão social acentuada, no futuro pode se transformar num governo autoritário. Estas duas coisas agora na Itália me preocupam muito. Tenho uma atitude de compromisso religioso frente a estes problemas, que me parece necessário para salvaguardar o cristianismo na Itália. Não digo que dependa de mim, mas faço o que posso.

IHU On-Line – Como o senhor vê o Brasil?

Gianni Vattimo – Quando Lula ganhou, muitas pessoas da Europa ficaram com grandes esperan-

ças. O caminho para construir uma Europa autenticamente européia, autônoma, independente é encontrar uma aliança com países relativamente independentes dos Estados Unidos, não para fazer uma guerra contra eles, e sim para construir um mundo onde a solidariedade e a democracia sejam mais aceitas que nos Estados Unidos. O Terceiro Mundo é determinante, inclusive para Europa, para se sentir menos dependente dos Estados Unidos.

“Deus é projeto, e nós o encontramos quando temos a força para projetar...”

IHU On-Line – Como caracterizaria o novo cenário político mundial? Como o cristianismo pode se ver modificado por este novo cenário?

Gianni Vattimo – Acredito que, para o cristianismo, esta seja uma grande ocasião para descobrir que não pode mais, como no passado, fazer parte da conservação da ordem social. Talvez tenha verdadeiramente terminado, hoje, a idade de Constantino, aquela longa época na qual o cristianismo, mesmo com as melhores intenções, sentiu-se no dever de sustentar a ordem constituída, para defender os fracos, para evitar maiores problemas. Hoje – com Bush e a globalização capitalista desencadeada –, a ordem constituída se revela somente como um modo para manter os privilégios e, principalmente, para destruir as reservas do Planeta. Não há mais disfarce possível; sem violência, a Igreja deve estar ao lado dos fracos, e, assim, ao lado da humanidade como tal. É verdade que hoje, de um modo diferente de como pensava Marx, a essência “genérica” do homem está nos proletários, isto é, nos pobres que, muito mais do que os ricos, estão em condições de defender o futuro do mundo. Os ricos têm interesses a curto prazo: são como aqueles que dançavam no convés do Titanic enquanto ele afundava; assim, hoje, Bush e os seus aliados não se preocupam

com o destino do mundo, com a poluição do ar, com o desaparecimento da água potável. As suas multinacionais devem produzir lucros em curto prazo para os seus acionistas.

IHU On-Line – Frente a uma tendência de corrosão das instituições, quais são os caminhos mais prováveis para o cristianismo? Que vai acontecer com as instituições?

Gianni Vattimo – Torna-se cada vez mais claro que o cristianismo deve ser anárquico. Certo que não no sentido do anarquismo do início do século XX – bombas e atentados contra os reis. Anárquico no sentido literal, rejeitar a submissão aos “princípios” – lei natural, lei de mercado, leis da Igreja –, que são sempre máscaras do autoritarismo e da violência. Pregar a liberdade, por exemplo, aplicando o procedimento do consenso e da discussão em todos os campos da vida social, mas não como acontece hoje na bioética, com a submissão a uma autoridade (Papa, Estado), que pretende falar em nome da verdade. As instituições não podem ser totalmente abolidas, mas é necessário multiplicar as sedes de decisão democrática, de deliberação coletiva. Nesse sentido, vale a pena desenvolver, cada vez mais, a vida das comunidades.

IHU On-Line – Que caminhos o senhor preve para o cristianismo? Que lugar terão as religiões numa construção real e efetiva de um planeta em paz?

Gianni Vattimo – As religiões, entre elas a cristã, têm hoje como principal tarefa mostrar que o destino da alma, do indivíduo, está além da história e da realidade cotidiana. Na vida social, na política, de trabalho, NÃO está em jogo a minha salvação – portanto, nada de fanatismos, nada de guerras religiosas, somente e, principalmente, caridade para os nossos semelhantes. A paz não se constrói sobre idéias “fortes”, mas sobre tolerância e capacidade de desprendimento da *hybris*⁵, que, ao invés, caracteriza a vontade de sobrevivência a todo custo...

⁵ *Hybris*, termo grego que dá origem ao termo híbrido, cuja etimologia remete a ultraje, correspondendo a uma miscigenação ou mistura que violava as leis naturais. Híbrido é também o que participa de dois ou mais conjuntos, gêneros ou estilos. Considera-se híbrida a composição de dois elementos diversos anomalamamente reunidos para originar um terceiro elemento que pode ter as características dos dois primeiros reforçadas ou reduzidas. A pós-modernidade, ao trazer à tona o conceito de híbrido, en-

IHU On-Line – Por que a pós-modernidade pode ter características que ajudem a viver o cristianismo com toda a sua intensidade?

Gianni Vattimo – Acredito que isso aconteça, porque a modernidade nos faz viver mais em contato com “todo” o mundo. Comunicações, televisão, viagens: é nas modernidades que nos tornamos “homens” no sentido universal do termo. O meu próximo, aqui, é qualquer um.

IHU On-Line – Como poderia descrever o espaço que, paradoxalmente, “a morte de Deus” e a secularização têm aberto para a religião?

Gianni Vattimo – Morte de Deus significa morte dos ídolos. Portanto, é somente com a morte do Deus metafísico, guardião das leis da natureza, fiador da matemática (e dos comércios que se fazem também à base do cálculo) que podemos nos transformar em religiosos, abrir um diálogo com Deus, seja lá o que Ele for, além da pura aceitação admirada da ordem do mundo. Deus é a desordem do mundo, é aquele que nos chama a não considerar como definitivo nada disto que já está aqui. Deus é projeto, e nós o encontramos, quando temos a força para projetar...

IHU On-Line – Como aparecem, em suas formulações, o pensamento paulino como resgate do homem e a recuperação da temporalidade escatológica como possibilidade de futuro?

Gianni Vattimo – Parece-me que a resposta precedente possa valer aqui. A escatologia cristã é a idéia de que o sentido da vida está sempre lá, por vir, e que nós estamos comprometidos em construí-lo. Não sozinhos, certamente, mas à base de mensagens, exemplos, da salvação que “já”

veio, mas que está sempre ainda a realizar-se completamente.

IHU On-Line – Em que sentido o senhor se considera um continuador de Nietzsche⁶ e de Heidegger? Que aspectos desses filósofos resgataria de modo especial?

Gianni Vattimo – Nietzsche e Heidegger são os críticos mais radicais da idéia metafísica do ser como aquilo que é já sempre e que necessariamente será. O cristianismo é a doutrina de um Deus que cria, e também SE cria junto a nós e à nossa história. Para Nietzsche, o “super-homem” é o novo homem que sabe viver no mundo do ser como anúncio e projeto, e não como certeza de uma necessidade já sempre dada, que deveria sómente aceitar. O mesmo vale para o conceito de ser como “evento” em Heidegger.

IHU On-Line – Quais são os principais problemas éticos que se apresentam ao homem e à mulher contemporâneos?

Gianni Vattimo – Saber construir uma ética que não tenha necessidade de fundamentos absolutos; uma ética do amor (Deus me chama, como Jesus quando encontra o jovem rico), e não da lei escrita nas essências. Isso é indispensável no mundo pós-moderno das pluralidades das culturas. Sem esta capacidade – de viver no não-fundamento, somente por amor –, alguém procurará sempre reencontrar um fundamento “verdadeiro”, aquele da sua verdade (da sua fé, da sua comunidade, da sua raça) em nome da qual será, cada vez mais, levado a lutar violentamente contra os outros, os diferentes, os infieis...

IHU On-Line – O que há depois da cristandade?

fatiza, acima de tudo, o respeito à alteridade e à valorização do diverso. Híbrido, ao destacar a necessidade de pensar a identidade como processo de construção e desconstrução, estaria subvertendo os paradigmas homogêneos da modernidade, inserindo-se na fluidez da pós-modernidade e associando-se ao múltiplo e ao heterogêneo. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zarathustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela **IHU On-Line** edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”. A edição 15 do **Cadernos IHU em Formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da **IHU On-Line**)

Gianni Vattimo – Há uma religião verdadeiramente cristã, sem dogmas (Deus, o chamamos pai, mas podemos também chamá-lo mãe; os pais são homens, mas poderiam ser também mulheres), fundada na fé e na esperança de que com a caridade se realiza verdadeiramente o reino de Deus, começando por este mundo. Além disso, a mentalidade católica, no mundo sem fronteiras em que vivemos hoje, também não pode mais julgar que quem esteja fora da Igreja romana não se salvará. O verdadeiro ecumenismo cristão se reali-

zará quando o próprio cristianismo compreender que deve abater as barreiras que ele mesmo criou – e que o pontificado atual parece querer cada vez mais solidificar: aqui nós, cristãos, lá, o Islã malvado; aqui os normais, lá, os gays e os diferentes. A tarefa dos cristãos não é converter os outros e fazê-los tornarem-se como nós, mas começar a liquidar a própria (pretensão de) identidade, para acolher a todos.

Cristianismo, uma mensagem de convívio fraternal

Entrevista com Álvaro Valls

Álvaro Valls é mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, da Alemanha, com a tese O conceito de história nos escritos de Søren Kierkegaard. Atualmente, ele é docente nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos. Valls é autor dos livros **O que é ética** (São Paulo: Brasiliense, 1986) e **Da ética à bioética** (Petrópolis: Vozes, 2004). É o tradutor e organizador da obra **Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado - Afetivismo, novelas e discursos, de Søren Kierkegaard** (Porto Alegre: Escritos, 2004), da qual a edição 123 da , de 16 de novembro de 2004, publicou a orelha. A obra foi apresentada no Sala de Leitura nessa mesma data. Na edição 175, de 10 de abril de 2006, concedeu à a entrevista “Paulo e Kierkegaard”. Nas **Notícias do Dia** do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, em 16 de novembro de 2006, concedeu a entrevista “Uma Filosofia brasileira surgirá com tempo e muito trabalho”, na qual comenta sobre sua recente indicação à presidência da Anpof na gestão 2007-2008.

Para o filósofo Álvaro Valls, um dos motivos para ser cristão no século XXI é que “cada um de nós deve fazer a sua opção, se prefere tentar viver uma vida para o amor e o perdão, ou para curtir a raiva, o ressentimento e o ódio, a ganância, a ambição desenfreada e a busca incessante do prazer. Amor não é só um sentimento, mas é também um mandamento, um dever sagrado”. E continua: “O

cristianismo, descontados os desvios que sempre ocorrem na história dos homens, é uma mensagem do convívio fraternal, antes de se constituir numa instituição de poder universal”. Em sua opinião, mais do que uma doutrina, no sentido teórico, a mensagem de Jesus é uma “mensagem de vida, deixando-nos uma mensagem existencial”. As afirmações podem ser conferidas, na íntegra, no depoimento que segue, enviado por e-mail à **IHU On-Line**, em 18 de dezembro de 2006.

Por que ser cristão hoje?

Só o fato de que muitos deixaram de ser cristãos nos últimos 150 anos (depois, aliás, da crítica de Kierkegaard⁷ à cristandade), não basta para nos levar a abandonar a fé de nossos pais. Mas, dito de modo positivo, há no quarto evangelho, no capítulo 13, 34-35, uma boa razão: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Nisto conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. Ou seja, cada um de nós deve fazer a sua opção, se prefere tentar viver uma vida para o amor e o perdão, ou para curtir a raiva, o ressentimento e o ódio, a ganância, a ambição desenfreada e a busca incessante do prazer. Amor não é só um sentimento, mas é também um mandamento, um dever sagrado. Uma religião do amor, baseada nas palavras do profeta da Galiléia, e transmiti-

⁷ Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existentialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existentialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo quanto aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. É autor de **O Conceito de ironia** (1841), **Temor e tremor** (1843) e **O desespero humano** (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista “Paulo e Kierkegaard”, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10 de abril de 2006, da **IHU On-Line**. (Nota da **IHU On-Line**)

da com todas as falhas humanas que a história de nosso gênero relata, não é incompatível com uma visão de mundo secularizada, ou seja, onde não há espaços sagrados separados dos profanos. Ora, a técnica e a ciência, se não são neutras, pelo menos são bastante relativas, podendo ser usadas para o bem ou para o mal. Já uma economia centrada só no lucro, na ganância, no aumento da riqueza e do poder de pequenos grupos, não é neutra, e precisa ser infiltrada por uma inspiração religiosa que busque aumentar o espaço do amor.

Por que acreditar em Jesus?

Creio que possamos repetir, com São Pedro, que só Jesus tem palavras de vida eterna. Então, sendo assim, a quem iremos? A Marx⁸, a Freud⁹, a

Darwin¹⁰, a Einstein¹¹, a Hegel¹², a Nietzsche? Não seria melhor e mais correto reconhecer que os diversos cientistas e filósofos trouxeram contribuições mais ou menos importantes para compreendermos aspectos da realidade, mas que também, quando se trata da pergunta pelo sentido da vida, não há comparação? A fé não se baseia em argumentos, pois estes apenas servem numa propedéutica, para mostrar onde está o lugar em que é preciso parar e decidir se queremos crer ou nos escandalizar – pois estas são as duas opções, apesar de todas as grandes sínteses. Por sua vez, nem Maomé¹³, nem Confúcio¹⁴, nem Buda¹⁵ me tocaram mais do que a vida e o ensinamento do Nazareno.

⁸ Karl Marx (1818–1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema **A (anti)filosofia de Karl Marx**, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. A edição 170 da **IHU On-Line**, de 8 de maio de 2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título **Sigmund Freud. Mestre da suspeita**. A Edição 207 abordou o tema **Freud e a Religião** (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ Charles Darwin (1809-1882): Naturalista britânico, propositor da Teoria da Seleção natural e da base da Teoria da Evolução no livro **A origem das espécies**. Teve suas principais idéias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30 de novembro de 2005, a Prof.^a Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra **Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida**, de Charles Darwin, no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto, ela concedeu entrevista à **IHU On-Line** 166, de 28 de novembro de 2005. (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ Albert Einstein (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas idéias sobre a natureza corpuscular da luz. É provavelmente o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da revista **IHU On-Line**, sob o título **Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis**. A publicação está disponível no site do Instituto Humanitas Unisinos (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

¹² Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, **A fenomenologia do espírito**, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ Muhammad, Muhammad (Maomé): Líder religioso e político árabe. Segundo a religião islâmica, Maomé é o mais recente e último profeta do Deus de Abraão. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁴ Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.) é o nome latino do pensador chinês Kung-Fu-Tzu. Foi a figura histórica mais conhecida na China como mestre, filósofo e teórico político. Sua doutrina, o confucionismo, teve forte influência não apenas sobre a China mas também sobre toda a Ásia oriental. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁵ Buda: é um título dado na religião budista àqueles que despertaram plenamente para a verdadeira natureza dos fenômenos e se puseram a divulgar tal redescoberta aos demais seres. “A verdadeira natureza dos fenômenos”, aqui, quer dizer o entendimento de que todos os fenômenos são impermanentes, insatisfatórios e impessoais. Tornando-se consciente dessas características da realidade, seria possível viver de maneira plena, livre dos condicionamentos mentais que causam a insatisfação, o descontentamento, o sofrimento. (Nota da **IHU On-Line**)

O mistério da Trindade

O mistério da Trindade, em que se deve crer, às vezes, é muito mal-apresentado por padres ou catequistas que se reduzem a paradoxos aritméticos mirabolantes, jogando com os números um e três, daí não saindo nada. Uma das vantagens da religião trinitária é que afirma a ação do Espírito Santo, tão negligenciado entre os católicos. A grande questão, que me faz refletir todo o tempo, é a da ressurreição do Salvador, pois, se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa fé, como já o dizia Paulo¹⁶. E então seríamos, malgrado as apostas de Pascal¹⁷, as criaturas mais dignas de lástima. Porém, se ele ressuscitou, temos uma vida eterna e pessoal, de alguma maneira, pela frente, depois desta curta existência.

Convívio fraternal

O cristianismo, descontados os desvios que sempre ocorrem na história dos homens, é uma mensagem do convívio fraternal, antes de se constituir numa instituição de poder universal. Esta verdade ensinou e viveu, recentemente entre nós, um Dom Luciano Mendes de Almeida¹⁸, bispo e jesuíta (e dos bons) ou, há poucos anos, mais dis-

tante de nós, Madre Tereza de Calcutá. Viver para fazer o bem, como antigamente Francisco de Assis, não é hoje em dia um posicionamento trivial, e sim fruto de uma escolha, uma conversão (metánoia). Mas temos de ter clareza sobre um fato, que já a Igreja pós-concílio (Vaticano II) reconheceu: os católicos vêm perdendo o contato com o povo, sem reconquistar um espaço no mundo da cultura atual. O messianismo demagógico, que identifica sem mais a mensagem de Cristo com um partido político mais popular (ou com uma política populista, lembrando Mussolini), voltou nos últimos anos, repetindo a ação dos católicos dos tempos do Integralismo, mas não passa de uma tentativa desesperada, que não nasce da fé e da esperança. As lições de Jesus Cristo continuarão sempre um escândalo e uma loucura: não substituem simplesmente os estudos sociais.

Quanto aos animais não-humanos, uma dissertação defendida em nosso mestrado mostrou que o conceito de “próximo”, enfatizado por Kierkegaard, ou do “outro”, por Lévinas¹⁹, bem poderiam ser aplicados de várias maneiras aos seres vivos que nos rodeiam. E na perspectiva franciscana, também para a natureza circundante: a criação, que de algum modo também espera pela salvação.

¹⁶ Paulo de Tarso (3 – 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém e fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso, a **IHU On-Line** 175, de 10 de abril de 2006, dedicou o tema de capa **Paulo de Tarso e a contemporaneidade**. A versão encontra-se disponível para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ Blaise Pascal (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores, “O coração tem razões que a própria razão desconhece”, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁸ Dom Luciano Mendes de Almeida: é jesuíta, arcebispo de Mariana, e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Dele, **IHU On-Line** publicou uma entrevista na 24^a edição, de 1º de julho de 2002, por ocasião de sua participação no **Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade**, promovido pelo IHU em junho de 2002, um artigo na 85^a edição, de 24 de novembro de 2003, e outro artigo na 95^a edição, de 5 de abril de 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁹ Emmanuel Lévinas: filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia, e faleceu em 1995, na França. Desde 1930 era naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra **Ser e tempo**, de 1927, o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza o pensamento de Lévinas. Ele é autor do livro que o consagrou **Totalité et infini. Essai sur l'extériorité** que foi traduzido para o português com o título **Totalidade e Infinito** (Lisboa: Edições 70, 2000). No Brasil, a editora Perspectiva, publicou **Quatro leituras talmúdicas**, em 2003, e a editora Vozes, **De Deus que vem a idéia**, em 2002. (Nota da **IHU On-Line**)

A complementaridade da fé e da razão

Fé e razão são complementares. Por isso, muitos doutores da igreja falaram da fé, buscando o conhecimento, e do conhecimento, buscando a fé. Santo Agostinho é um pensador atual, depois de um milênio e meio. E, se um pensador como Nietzsche ataca violentamente o cristianismo, sempre se pode aprender com ele e com as partes de verdade que há em suas críticas, mas também podemos ler Dostoiévski²⁰, para ver como é possível ser cristão apesar dos nossos tempos. O convívio com os cientistas seria muito facilitado, em todo caso, se certas autoridades eclesiásticas não opinassem tanto sobre assuntos que ignoram completamente, ou que conhecem superficialmente. A ética e a moral estruturam seus discursos, de certo modo, *a posteriori*, ou seja, refletem, com base nos grandes princípios e mandamentos, sobre os casos que vão surgindo (às vezes inéditos). Interditos apriorísticos em geral só atrapalham, e havia um grande mérito na verdadeira casuística (que depois se tornou expressão pejorativa): o cuidado com os detalhes concretos, para o que, aliás, a ciência certamente pode ser indispensável. Os próprios escolásticos, antigamente, gracejavam entre si: “Se tivesse estudado melhor a teologia, não dirias tais coisas”.

Paulo de Tarso e o cristianismo

Paulo de Tarso foi um tipo genial, um intelecto espantosamente produtivo, e não é totalmente errada a afirmação de Nietzsche de que foi ele que “inventou” o cristianismo; ou, ao menos, teríamos de estranhar quando, ainda hoje, um livro de moral cristã dedica metade de suas páginas ao ensino de Jesus e a outra metade (!) ao de Paulo de Tar-

so. E por que toda missa tem que ter, antes da leitura dos Evangelhos, também uma das epístolas, quase sempre (ao menos supostamente) de Paulo? Será que ainda se pode dizer então que, como apóstolo, Paulo apenas transmitiu a mensagem, ou ele de fato a refundiu numa síntese grandiosa, eclipsando os outros apóstolos, como Pedro, Tiago ou até mesmo o discípulo amado? Mas tudo bem, em vez de apenas criticarmos as epístolas, não seria o caso de lermos com mais atenção os quatro evangelhos, meditando sobre o sermão da montanha, tão descurado em nossa política ocidental?

Os desafios do cristianismo no século XXI

O grande desafio do cristianismo é sempre o mesmo: ser vivido na prática. Jesus não era um professor a ensinar uma teoria, ou um pensador a esboçar um sistema, aberto ou fechado. Veio para trazer a vida, e vida em abundância. Mais do que uma doutrina, no sentido teórico, o que fez foi pregar, com as palavras e o exemplo, uma mensagem de vida, deixando-nos uma mensagem existencial. Não consta que ele tenha feito uma verificação escrita sobre os ensinamentos do sermão da montanha, ou que mandasse os discípulos analisarem criticamente as parábolas. O Evangelho fala outra linguagem: “Vai e faze o mesmo!”. O que mais interessa é, portanto, a dimensão pragmática. Ou, conforme aquela outra tese: não basta interpretar, é preciso transformar o mundo em que vivemos. Rumo à comunidade dos santos, dos filhos de Deus (sem esquecer que a Igreja triunfante não pertence a esta terra, onde se esforça a Igreja militante).

²⁰ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor a **IHU On-Line** edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada **Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano**. (Nota da **IHU On-Line**)

A fé é a experiência íntima do ser amado por Deus

Entrevista com Didier Long

Didier Long, foi monge beneditino durante dez anos. Hoje é artista plástico e chefe de uma empresa, após ter sido consultor em McKinsey. Seu site pessoal é www.didierlong.fr.

*Ele concedeu entrevista por e-mail à IHU On-Line, em 18 de dezembro de 2006, na qual fala da experiência de viver como monge e passar a ser marido e pai de família. Ele é autor de diversos livros, dentre os quais citamos o mais recente, **Pourquoi nous sommes chrétiens** (Paris: Le Cherche-midi, 2006), sobre o qual ele também fala em suas respostas. Confira a visão que esse cristão tem ao argumentar sobre sua fé.*

As razões para ainda ser cristão na sociedade da tecnologia e da ciência

As ciências e as tecnologias não são contrárias à fé. Elas nasceram da razão humana. Esta razão, este “verbo”, designa a capacidade de abstração que possui o estranho animal chamado homem. Esta faculdade de simbolização ligada à linguagem permite fabricar um avião em três meses, enquanto a história da evolução levou milhões de anos para que os pássaros voassem. As ciências e as tecnologias podem ajudar a combater a doença, a morte, o sofrimento. Elas são “boas” no sentido em que o Gênesis diz: “E Deus viu que isto era bom”.

O processo de “modernidade” é este lento trabalho da razão ocidental, que permitiu ao homem controlar a natureza pela ciência e pela tecnologia. Quem gostaria de voltar atrás? Ao tempo da vela e da carroça? O “velho bom tempo” é, sem dúvida, uma ilusão. O problema, como des-

tacam pensadores como Adorno, é que a razão operacional que organiza toda nossa existência, colocando cada coisa em seu devido lugar, parece em seguida ter controlado o próprio homem no século XX. Corremos o risco de nos tornarmos marionetes de sistemas oriundos da razão operacional: a globalização, as trocas financeiras mundiais, as crises econômicas, os desajustes climáticos, o esgotamento dos recursos fósseis do planeta, que ninguém mais parece controlar.

Entretanto, ninguém se satisfaz em ser uma função. Não somos coisas. A questão mais exata é, então, como encontrar a esperança neste mundo desencantado de seus deuses no qual o homem tem cada vez menos lugar? O que é o homem na verdade? E é aí que a fé pode nos ajudar. A fé não diz como ir ao céu. Para isso, existem boas companhias aéreas... E, ao que eu saiba, as igrejas não querem ser concorrentes! Mas por que ir ao céu? A fé questiona o sentido de tudo isso. “Os céus proclamam a glória de Deus”, como diz um salmo, mas é uma afirmação poética. Parece-me, então, que pode existir uma visão humana, uma paixão por este mundo, pelas ciências e pelas tecnologias, que é acompanhada de uma reflexão sobre seu poder de liberação do homem. Como ser verdadeiramente humano?

A fé em Jesus, no Deus Uno e Trino, na ressurreição e na segunda vinda do Cristo

Não há argumento para crer. A fé não é da ordem da razão e da inteligência, nem uma receita. É a experiência íntima do ser amado por Deus.

Essa experiência de ser seu filho e sua filha cada um de nós pode sentir “se recolhendo em seu se-creto”, como diz o evangelho: “Teu pai te vê no teu secreto...”, encontrando-se no fundo de seu coração. A fé é como o amor: sensível e experimental. Quanto mais se acredita, mais se compreende, e quanto menos se acredita, menos se comprehende. Assim sendo, podemos, em seguida, refletir sobre tudo isso para tentar compreender. O que pensar de um lugar onde faz noite a metade do tempo e onde toda vida se estagna, apodrece e morre? Pode-se de fato ter esta terra como único horizonte? A realidade é que somos projetados desde o nosso nascimento nesta terra hostil, onde a morte é mais provável que a sobrevivência. Seja lá o que fizermos, a vida humana é um combate perdido por antecipação. A cada dia que passa, nos aproximamos da morte. O homem é talvez este deus que ele acredita, mas a humanidade não pode ser nada além de uma fina camada de mofo na superfície de uma laranja azul! O horizonte no qual vivemos é o caos, e a fé nos ajuda a não nos desesperarmos. Tudo isto tem uma razão de ser, um sentido.

Esta meditação “atéia” da realidade pode nos ajudar a nos segurarmos às únicas coisas que finalmente ficam: a amizade, o amor, e tudo o que já nos permite experimentar um pouco da eternidade. Tudo o que não damos está perdido. É a verdadeira lógica da vida. Esta lógica de doação, que é o coração da vida, seu motor, nos mantém no ser a cada instante e este motor não morre. A fé é então uma boa apostila! A Trindade é uma maneira um pouco complicada de contar esta troca gratuita de amor e doação, este desinteresse total ao coração de Deus.

Os valores do cristianismo e as lições de Jesus

Parece-me que é uma verdade que temos dificuldades de aceitar: a perfeição que proclama o cristianismo é que a vida cristã é somente uma vida humana, uma humanidade realizada em plenitude. É o que os primeiros gregos que se tornaram cristãos tiveram mais dificuldades em admitir. Que Jesus seja Deus causava menos problemas

no mundo antigo, no qual os ancestrais eram divinizados e adorados. Entretanto, que Deus tenha se tornado homem era um escândalo insuportável. Esta humanidade de Deus era tão difícil de ser aceita que as assembleias de administradores diocesanos, os concílios, vão levar quatro séculos para defini-la contra Marcio, Valentin e outros docentes, que diziam que Deus não havia verdadeiramente sofrido neste mundo, que ele era mais Deus do que homem... “A glória de Deus é o homem vivo” dirá Irenée de Lyon, acrescentando, também, que “a vida do homem é de ver Deus”. A camaradagem com Cristo não nos instala, então, em um céu desumano, que correria o sério risco de ser somente a projeção de nossos sonhos ilusórios, tudo o que não somos ou sonhamos ser: poderosos, belos, ricos... Deus nos acolhe em nossa miséria e não no que acreditamos ser nossa grandeza: é uma bofetada para nossas maneiras habituais de pensar, e isso nos liberta de nossos velhos ídolos cansados.

Para sermos mais humanos

Este cuidado de Deus com nossa fraqueza, que é manifestado por sua morte na cruz, seu perdão, sua presença misteriosa no próximo que vem a nós em sua fragilidade e sua miséria, deveria fazer de nós seres infinitamente humanos. Trata-se de um cuidado que somos incapazes de possuir em razão de nossas próprias forças, mas que todos os seres vivos comprehendem, acreditando ou não. Fomos acolhidos neste mundo: braços nos carregaram, fomos alimentados, caminhamos em estradas que não construímos. A vida carrega todos os vivos e somos seus hóspedes de passagem... Acreditando ou não, todos os seres vivos comprehendem intuitivamente o que é o amor.

Quais são os maiores desafios do cristianismo para o século XXI?

O grande desafio para o cristianismo no século XXI é o encontro de outras culturas e religiões. É claro que as religiões não esperaram a globalização para proclamar a “Boa Nova”, por

meio do mundo inteiro, ou seja, a universalidade não data do século das luzes, mas a novidade é que o próprio mundo “encolheu”. As viagens que se faziam em torno do globo pelos oceanos em vários meses passaram a ser, quando surgiu o avião, de algumas horas. Além disso, a internet reduziu as conversas a longa distância a uma fração de segundos. Estamos, então, todos infinitamente próximos e as civilizações e culturas muito antigas são desestabilizadas por este fenômeno. Quem se lembra de sua cidade, de suas fontes sagradas, da badalada noturna, dos lugares mágicos onde uma vovó cantava desafinada no barulho infernal das megalópoles trepidantes? O grande desafio do cristianismo é o de não deixar populações inteiras desorientadas, perdendo suas antigas referências éticas nos diversos fundamentalismos. O grande desafio é de chegar a traduzir nossa fé, nossa crença, no cuidado de Deus humano em suas palavras, desta globalização, como se fez em todas as gerações antes de nós. O crescimento geográfico da Índia e da China, o encontro com o Islã, são os grandes desafios mundiais que o cristianismo vai encontrar.

A passagem do monastério para a vida familiar e o mundo virtual

A passagem do monastério em McKinsey para a tecnologia Internet é um pouco a passagem de um monastério aos jesuítas do capitalismo, aos nerds da Silicon Valley! Para resumir: após uma juventude agitada, me tornei cristão aos 16 anos. Uma vez que Deus era Deus, decidi dar-lhe minha vida, o que era o mínimo. E me tornei monge beneditino na Abadia de “La Pierre-Qui-Vire”, na Borgonha, um monastério perdido na floresta. Encontrei pessoas formidáveis, verdadeiros filhos de Deus. Esta comunidade austera (cair da noite, silêncio, a vida monástica, nada de carne e vinho...) me estruturou espiritualmente e humanaamente durante dez anos. Como eu era responsável pela editora do monastério, fizemos um CD-Rom sobre a arte romana. Uma jornalista do jornal televisivo veio fazer uma reportagem e me apaixonou por ela. Então, deixei a vida monástica.

Como as tecnologias *on-line* chegavam à Europa, decidi continuar meu caminho e tornei-me consultor em McKinsey. Depois disso, montei meu próprio escritório de consultoria. Em alguns anos, passei então da Idade Média ao terceiro milênio. Tentei ir até o final das coisas. Deus nunca me abandonou.

O livro *Pourquoi nous sommes chrétiens*

Em ***Pourquoi nous sommes chrétiens***, tento descrever, por meio de meu percurso, o que encontrei saindo de minha vida monástica: a acídia, a falta de empatia e de carinho na qual vivemos, o consumo como único horizonte, o capitalismo que se esvazia de seu ideal, a democracia e o debate político largados ao pensamento único, o mundo do trabalho, que se preenche de palavras vazias, o cinismo ambiente, que destrói as raízes de nosso desejo e nos faz ansiar pela felicidade. Todos esses elementos que cavam pouco a pouco a “era do nada”.

“Nada” é a palavra da acídia, esta doença da alma que experimentavam os monges que partiam para viver nos desertos do Egito no século. A acídia, a doença da alma, que torna o corpo pesado como uma pedra e faz crer ao meio-dia que o dia vai durar ainda cinqüenta horas: o demônio do meio-dia. Se quisermos compreender porque nosso desejo e nossa civilização, que chegaram a seu apogeu, estão em pane, devemos reler as tradições espirituais e filosóficas que fundaram o Ocidente.

Quem somos nós? Em que acreditamos?

Quem somos nós? Os herdeiros de uma civilização muito particular herdada da fé na palavra judia, o dever que realiza o que é dito: “Que a luz se faça!” e da clareza do logos grego. Os lares da palavra sintetizados na razão cristã medieval produziram crenças que carregamos – crendo ou não. Elas nos integram em uma civilização muito original. Em que acreditamos? Ao mesmo tempo na palavra dada, no respeito absoluto do outro e de

sua vida, na igualdade de todos os homens, sejam quais forem suas convicções, na igualdade do homem e da mulher, no sentido do trabalho, na fraternidade de todos os seres humanos, no sentido da história.

A acídia em que vivemos não é, então, um fim. Esta crise é uma chance de ultrapassar uma etapa, de reinventar nossos valores vitais. Nossa

civilização conheceu nas etapas-chaves de seu desenvolvimento, dos renascimentos, buscando em suas próprias fontes: Renascimento da Idade Média, Reforma e nascimento do capitalismo... Esta reinvenção de nossas raízes é coletiva, mas, sobretudo, individual. Ela é uma arte de viver o cotidiano. A “moral” é primeiramente uma arte da felicidade.

O desafio de acessar a dimensão de profundidade do cristianismo

Entrevista com Faustino Teixeira

Faustino Luiz Couto Teixeira é professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais. É graduado em Filosofia e em Ciências da Religião, pela UFJF; mestre em Teologia, pela PUC-Rio, com a dissertação A gênese das comunidades eclesiais de base no Brasil; doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália, com tese intitulada *A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil*; e pós-doutor, pela mesma PUG. Entre suas obras publicadas, destacamos: **A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil** (São Paulo: Loyola, 1987); **A gênese das CEBs no Brasil** (São Paulo: Paulinas, 1988); e **Teologia da Libertação: Novos desafios** (São Paulo: Paulinas, 1991). Ele é organizador do livro **No limiar do mistério. Mística e Religião** (São Paulo: Paulinas, 2004) e **Nas teias da delicadeza. Itinerários místicos** (sobre a qual pode ser lido um texto no blog do IHU: www.unisinos.br/ihu, em 6 de dezembro de 2006). De Teixeira, publicamos um artigo na edição 131, de 7 de março de 2005, sobre “O temor do reconhecimento da alteridade”, uma entrevista na edição 133, de 21 de março de 2005, sobre o tema “Mística comparada”, e uma entrevista na edição 162, de 31 de outubro de 2005, sobre o livro de John Hick, **Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões** (São Paulo: Attar, 2005). Para saber mais sobre Faustino Teixeira, conferir a entrevista publicada no site www.unisinos.br/ihu, dia 16 de dezembro de 2005.

As razões de ainda seguir o cristianismo em uma sociedade secularizada

Vivemos um momento muito particular na vida do cristianismo. Não há como escamotear a crise desta tradição religiosa em determinados contextos, como a Europa, quando o cristianismo chegou ao final do século XX com apenas 29,98% de adeptos. Comentando o caso francês, o pensador André Comte-Sponville, em livro recém-publicado, **O espírito do ateísmo** (Albin Michel, 2006), afirma que um em cada dois franceses hoje é ateu, agnóstico ou sem-religião, e um em cada quatorze é muçulmano. No Brasil, vivemos uma situação bem menos secularizada. O último censo do IBGE (2000) mostrou a força da presença cristã no país, traduzida na soma dos católico-romanos (73,77%) com os evangélicos (15,44%). São quase 90% de cristãos no Brasil. Mas há que reconhecer um dado que vem chamando a atenção dos analistas, que é o crescimento dos “sem-religião” no Brasil, registrados em 7,28% no ultimo Censo.

Por que ainda ser cristão hoje?

O que me motiva, substancialmente, a manter viva a minha fidelidade cristã é o magnífico exemplo de compromisso e santidade que percebo na trajetória de Jesus e no horizonte de vida em plenitude que ele anuncia para nós. Entretanto, tenho plena consciência de que nem sempre, historicamente, a comunidade cristã conseguiu dar continuidade aos valores que ele apontou como fundamentais para nós. Jesus é portador,

para nós cristãos, de uma Presença Espiritual singular. Quando a buscamos captar no tempo e no espaço, contudo, sofremos os efeitos de sua refração. As religiões só conseguem viver a Presença Espiritual de forma fragmentária, pois são marcadas por ambigüidades e limitações. Isto também ocorre no cristianismo. O que mantém acesa a chama cristã em meu coração é o permanente desafio de buscar acessar a dimensão de profundidade do cristianismo, que está para além de suas formas superficiais.

A “teimosia” em continuar acreditando no cristianismo

Gandhi²¹ dizia que a verdade de uma religião está na fragrância de espiritualidade, amor e paz que emana de seus seguidores. É esta fragrância que percebo de forma tão linda em tantos buscadores cristãos, em tantos seguidores simples e humildes e, sobretudo, nos místicos de nossa tradição, que confirmam a minha duradoura teimosia em continuar acreditando no cristianismo. Simone Weil²² dizia que o vínculo de amizade com os “amigos de Deus” é o que possibilita manter sempre viva e acesa a secreta mirada em Deus. Mas minha fidelidade ao cristianismo não se dá de forma excludente. Minha experiência cristã é vivida como um desafio de ampliação de sua tenda. Vejo o cristianismo com malhas largas, estando sempre provocado a ampliar a atenção e o olhar, de forma a perceber a força e singeleza da presença universal do Espírito. E os místicos me ajudam muito a vivenciar uma sensibilidade nova, capaz de des-

pertar para a “infinita Realidade que existe dentro de tudo o que é real” (Thomas Merton²³). E acredito que nós, cristãos, temos uma responsabilidade especial de destacar no nosso tempo valores essenciais que foram esquecidos ou abafados na lógica de mercado que vigora em nosso tempo: como os valores da hospitalidade, da acolhida, da solidariedade, da cortesia e do respeito à alteridade.

As razões para acreditar em Jesus

Para nós, cristãos, Jesus ocupa um lugar fundamental. É o nosso grande referencial axiológico, que abre para nós a porta de acesso ao Mistério sempre maior. Mas nos encanta, sobretudo, o seu exercício de vida e seu testemunho, como podemos vislumbrar nos evangelhos. É isto que provoca a admiração de todos, e não só dos cristãos. É o seu exemplo de compaixão e solidariedade que faz brilhar os olhos de pessoas como Gandhi, Dalai Lama e Tich Nhat Hanh. Hoje, na Teologia Cristã, estamos recuperando a profunda dimensão humana de Jesus: sua experiência e mistério. A nossa aproximação da experiência de Jesus nos possibilita focalizar nele muito mais um mistério que dá vida. Daí nossa atenção para o significado de Jesus para nós.

O Jesus que está próximo e presente

Os teólogos asiáticos têm sublinhado a dimensão narrativa das escrituras cristãs, que revelam a existência autenticamente humana de Je-

²¹ Mahatma Gandhi (1869–1948): líder pacifista indiano. (Nota da **IHU On-Line**)

²² Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa, centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, Weil recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições número 84, de 17 de novembro de 2003, e número 168 da **IHU On-Line**, de 12 de dezembro de 2005, sob o título **Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX**. Também veja o **Cadernos IHU em formação** número 17, intitulado **Duas mulheres que marcaram a Filosofia e a Política do século XX**, sobre ela e Hannah Arendt (Nota da **IHU On-Line**)

²³ Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, foi pioneiro no ecumenismo, no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro **Merton na intimidade – Sua vida em seus diários** (Rio de Janeiro: Fisus, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como **A montanha dos sete patamares** (São Paulo: Itatiaia, 1998) e **Novas sementes de contemplação** (Rio de Janeiro: Fisus, 1999). (Nota da **IHU On-Line**)

sus. Novas imagens são destacadas, como a do Jesus curador, mestre, libertador, guia espiritual, amigo e compassivo. E também de um Jesus que nos lança ao outro de forma inusitada. Para além da “teia das nuvens metafísicas”, que embaraçam sua pessoa, há que redescobrir o Jesus que nos está próximo e sempre presente, do Jesus que nos possibilita captar a diafania de Deus em toda parte, que nos faculta perceber a presença de Deus como “eterno crescimento”. O desafio é trazer para nós o Jesus menino que brota do sonho de Alberto Caeiro²⁴: do Jesus que mora na nossa “aldeia”, da “Eterna Criança” animada pelo riso, pela esperança e gratuidade. Do “deus que faltava”, do “humano que é natural”, do “divino que sorri e que brinca”. Da “Criança Nova” que nos oferece a mão, mas que abraça também tudo o que existe. A beleza do cristianismo está justamente nisso: em ter no seu centro a presença de alguém que nos envia ao mistério de Deus, e que nos convida a perceber sua fragrância também alhures. A razão de ser de Jesus não está nele mesmo, mas no mistério que ele convoca e envia. E trata-se de um mistério que é plural e multiforme.

Os valores do cristianismo para o exercício da convivialidade

Se tomamos por base o núcleo das bema-aventuranças, que é um referencial essencial para a compreensão dos valores do cristianismo, podemos verificar sua grande atualidade para um novo exercício de convívio. Fala-se ali na importância da “infância espiritual”, entendida como total disponibilidade para captar a presença do Mistério em toda parte. É o sentido profundo que habita a idéia de ser pobres com espírito. Fala-se também do desafio de ter um coração puro, capaz de aco-lhida e compaixão, bem como “entranhas de misericórdia”. São valores fundamentais que devem reger a dinâmica vital de todo cristão. Mas o evan-gelho nos apresenta outros valores essenciais, como a hospitalidade, a delicadeza, a cortesia e o cuidado. O cristão que busca seguir em fidelidade os ensinamentos e, sobretudo, o testemunho de Jesus, é alguém que assume o desafio e a ousadia de uma comunhão universal. Não há nada no mundo que esteja excluído do abraço amoroso de Deus, e o cristão é aquele que dá testemunho des-te amor.

²⁴ Alberto Caeiro (1889-1915): considerado o mestre dos heterônimos de Fernando Pessoa, apesar de sua pouca instrução. Poeta complexo e enigmático, ligado à natureza, despreza e repreende qualquer tipo de pensamento filosófico, afirmado que pensar retira a visão, não o permite ver o mundo tal qual ele foi apresentado: simples e belo. Afirma que, ao pensar, entra num mundo complexo e problemático, onde tudo é incerto e obscuro. (Nota da **IHU On-Line**)

Manter viva a chama interior: desafio do cristianismo

Depoimento de Leonardo Boff

O renomado teólogo brasileiro da ordem dos franciscanos Leonardo Boff contribuiu com o tema de capa da edição especial de Natal da revista **IHU On-Line** 209, de 18 de dezembro de 2006, refletindo sobre as razões que ainda o motivam a ser cristão nos dias de hoje. Boff foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro **Igreja: carisma e poder – ensaios de eclesiologia militante** (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982), foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, retornou a elas em 1986. Em 1992, sendo outra vez pressionado com novo “silêncio obsequioso” pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística, entre os quais citamos **Ética da Vida** (Rio de Janeiro, Sextante, 2006); **Igreja: carisma e poder. Ensaios de uma eclesiologia militante** (São Paulo: Record, 2006); e **Virtudes para outro mundo possível II: convivência, respeito e tolerância** (Petrópolis: Vozes, 2006). Segue o depoimento de Boff, concedido por e-mail à **IHU On-Line**, sobre o cristianismo hoje.

O cristianismo, bem como as religiões, não quer substituir a ciência e a técnica. Estas atendem a necessidades nossas, mas são mudas e cegas quando se trata de definir o sentido da vida. O cristianismo nisso é forte. Ele afirma que estamos na palma da mão de Deus. A vida é chamada para a vida e não para a morte. Mas não qualquer vida, senão a vida transfigurada e ressuscitada, permitindo-nos viver numa profunda comunhão com Deus. Como dizem os místicos: seremos também Deus por participação.

A crença em Jesus

Jesus é uma antecipação, uma pequena miniatura daquilo que será realidade para todos na plenitude dos tempos. Nele, aconteceu uma revolução no processo de evolução. A ressurreição o transfigurou totalmente e o levou ao ponto ômega da história. Como ele é nosso irmão, participaremos também deste destino.

Os valores do cristianismo

O cristianismo nos oferece um outro olhar sobre toda a realidade. Não a vê como algo morto e sem sentido. Mas como uma criatura que nasceu do coração do Criador. Tudo é sacramento, fala de Deus, remete a Deus, vem penetrado de Deus. Assim, tudo se faz templo sagrado, a formiga do caminho, o pobre da esquina, o Papa em Roma e cada um de nós. Esse olhar nos convida a sentir-

mo-nos filhos e filhas do Pai e Mãe celestes e irmãos e irmãs uns dos outros. Devemos tratar os outros como se Deus estivesse nascendo de dentro deles.

As relações entre fé, razão e o discurso da ciência

A ciência diz como o mundo é. A fé se admira pelo fato de que existe mundo e não o nada. A ciência traz utilidades, atende a demandas da vida e da razão. A fé responde às questões que sempre estão na agenda das pessoas. Pouco importa sua idade: de onde venho? Para onde vou? Qual o meu lugar neste mundo, no conjunto dos seres? Que posso esperar depois desta vida? A fé se especializou na resposta a estas questões para as quais a ciência tem pouco a dizer. E responde positivamente. Nós temos futuro, a vida continua e a eternidade nos espera, caindo nos braços do Deus, que é Pai e Mãe de infinita ternura.

Paulo de Tarso e os ensinamentos de Jesus Cristo

Paulo é o maior gênio teológico do cristianismo. Ele fez a ruptura necessária da matriz hebraica e criou a matriz helénica. Hoje, vivemos destas duas heranças. Ele atualizou para o mundo moderno daquele tempo a mensagem de Jesus, criando uma teologia que vai muito mais

longe do que é dito nos evangelhos. Por isso, ele é o princípio da liberdade e da criatividade cristã.

Os desafios do cristianismo no século XXI

O primeiro desafio é a (des)ocidentalização do cristianismo. Cada vez mais, o Ocidente é um acidente na história mundial. O cristianismo não pode ligar seu destino apenas ao Ocidente. Ele deve poder ser assimilado pelas culturas mundiais a partir de suas matrizes próprias, fazendo suas sínteses como nós fizemos.

O segundo desafio é de ordem organizacional. O cristianismo de versão católica é ainda tributário a usos e costumes medievais e das cortes européias. Ele não incorporou os valores da experiência democrática da modernidade que supõe pessoas participativas, livres, adultas. Ele ainda infantiliza demais os fiéis, marginaliza as mulheres e rebaixa os leigos. Esse é um dos motivos por que tantos estão emigrando da Igreja Católica.

Entretanto, o maior desafio é como conseguir que os seres humanos mantenham viva a chama interior, sagrada, da presença de Deus, da sacralidade de cada coisa que existe, da veneração pela grandiosidade e complexidade do universo e de respeito pelo mistério de cada pessoa humana. Se perdemos esta dimensão, corremos o risco de afundar e de se perverter o que existe de mais importante no ser humano: sua dignidade e sua capacidade de transcendência.

A fé é dada pela Graça

Entrevista com Luiz Felipe Pondé

*Luiz Felipe Pondé leciona no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião e do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e é professor e pesquisador convidado em Mística Medieval da Universidade de Marburg, Alemanha. Graduado em Medicina, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e em Filosofia Pura, pela USP, é mestre em História da Filosofia Contemporânea, também pela USP, e em Filosofia Contemporânea, pela Université de Paris VIII, França. Além disso, é doutor em Filosofia Moderna, pela USP, e pós-doutor, pela Universidade de Tel Aviv, Israel. Ponde é autor, entre outros, de **O homem insuficiente** (São Paulo: EDUSP, 2001); **Crítica e profecia: filosofia da Religião em Dostoiévski** (São Paulo: Editora 34, 2003); e **Conhecimento na desgraça. Ensaio de epistemologia pascaliana** (São Paulo: EDUSP, 2004). No livro **No limiar do mistério: mística e religião** (São Paulo: Paulinas, 2004), organizado por Faustino Teixeira, Ponde publicou o artigo “O método de Deus”. Na edição 133 da **IHU On-Line**, de 21 de março de 2005, cujo tema de capa foi Delicadezas do mistério. A mística hoje, Ponde concedeu com exclusividade a entrevista “A mística judaica”. Na edição 195, da **IHU On-Line**, de 11 de setembro de 2006, Ponde concedeu a entrevista “Parricídio, niilismo e morte da tradição”, quando falou sobre Dostoiévski.*

*“Penso, seguindo Agostinho, que fé é dada pela Graça, não acho que existam fórmulas”, disse, por e-mail, o médico e filósofo Luiz Felipe Pondé, com exclusividade à **IHU On-Line**, em 18 de dezembro de 2006. E assinala: “Acredito ser essencial que resistamos às bobagens modernas que transformaram tudo em auto-ajuda”.*

Cristão no século XXI

Um dos motivos para ser cristão hoje seria recuperar a sabedoria da tradição cristã anterior às manias e aos dogmas modernos. Ser cristão pode significar muitas coisas. Interessa-me, especificamente, o modo como o pensamento cristão se constituiu como crítica do dogma humanista da perfectibilidade. Acredito que a reflexão sobre o orgulho seja central na economia psíquica humana. E acredito ser essencial que resistamos às bobagens modernas que transformaram tudo em auto-ajuda.

“Só se guarda aquilo que se dá”

Penso que a obsessão pela “esperança” atrapalha a condição cristã. Sei o quanto isso pode soar estranho para uma sensibilidade que prefere pensar mais na ressurreição como “promessa” a ser cobrada. Não penso na segunda vinda de Cristo. Quanto a argumentos em favor da crença, prefiro pensar na sofisticação do olhar cristão sobre a natureza humana. Penso, seguindo Agostinho, que fé é dada pela Graça, ou seja, não acho que existam fórmulas. Quanto ao Deus Trino, a idéia de Um Deus que encarna e sofre uma dor infinita por amor é a maior de todas as idéias éticas; acho risível quando o cristianismo busca seus fundamentos de reflexão ética no humanismo marxista ou qualquer “novidade” de 200 anos. A idéia da Paixão de Deus na cruz parece-me imbatível. Para além das manias exageradas do “gozo pela dor”, a chave é perceber que só se guarda aquilo que se dá.

Olhar crítico

Não me interessa o modismo ambiental e o panteísmo naturalista. Com isso, não quero desqualificar a preocupação sincera com a natureza, mas acho uma prisão “salvar” o cristianismo fazendo de Francisco de Assis um ambientalista medieval; creio que um olhar crítico sobre os excessos da sociedade do progresso e da autonomia racional e volitiva pode ser muito mais interessante.

Saber a estrutura do átomo não muda nossa condição metafísica

Acho que há compatibilidade entre os discursos de fé e razão. A “crença” na ciência é um modo novo de credo. Nada nela nos permite acreditar nela como sistema de orientação no mundo ou de valores. Saber a estrutura do átomo, para além dos modismos quânticos (esse panteísmo requerido), em nada muda nossa condição metafísica.

Paulo de Tarso e o cristianismo

Paulo é uma fonte fortemente primária – não há cristianismo sem ele. Acho que ele seja o grande de primeiro filósofo do cristianismo. A continuidade do debate interno ao judaísmo se dá nele, tratando-se de uma peça central na relação entre questões que afetam ambas as religiões e pode ser pedra de toque de um diálogo filosófico entre as duas religiões.

Desafios do cristianismo

Eu acrescentaria que uma função importante é resistir à dogmática moderna, oferecer um pouco de inércia construtiva à fúria narcísica moderna (algo que, na minha opinião, nem toda a teologia cristã entende, transformando-se em torcida uniformizada da modernidade, mas, enfim, como dizia Heine sobre muitos teólogos cristãos, “só se é traído pelos seus”). Penso que o cristianismo, como outras grandes tradições, tem o papel e possibilidade (por serem pré-modernas) de nos ajudar a superar esse impasse e delírio que caímos nos últimos 300 anos: idolatria da ciência, obsessão pela felicidade, enfim, trazer a crítica a nós, babelianos.

“O mundo secularizado carece, desesperadamente, dos sinais da fé”

Entrevista com Martin Dreher

Martin Dreher é graduado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), e doutor na mesma área pela Universität München, Alemanha, com a tese Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherische Bekenntnisses in Brasilien. De sua extensa produção bibliográfica, destacamos **Igreja e Germanidade. Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil** (2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003); **A Igreja no Império Romano** (5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004); e **A Igreja latino-americana no contexto mundial** (2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005). Confira uma entrevista concedida pelo professor Dreher na edição número 174 da **IHU On-Line**, de 3 de abril de 2006, sobre Mozart.

Martin Dreher, professor do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, concedeu entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, em 18 de dezembro de 2006, na qual ele esboça suas razões para ainda ser cristão.

Por que ainda ser cristão hoje?

Porque o “hoje” necessita mais do que nunca do Cristo! Para entender minha tese, lembro que “Cristo”, “cristão” “cristianismo” são palavras de radical grego correspondente ao hebraico “messias”, de onde derivam nossas palavras “messiânico” e “messianismo”. Desse modo, sou messiânico e careço, em meu mundo, de messianismo. Como pessoa que vive em tempo de pós-modernidade, perdi a “fé” no progresso da técnica e da ciência. Digo isso não querendo desconhecer o quanto fui beneficiado pela técnica e pela ciência. Entendo,

contudo, que técnica e ciência não são fins em si mesmas, mas têm que estar a serviço de toda a humanidade, caso contrário perdem seu sentido e passam a ser perversas. Não faço essa observação de um princípio teórico abstrato, mas de fato histórico e concreto que, hoje, experimento na fé. Tal fato histórico ou “na história” tem, para mim, um nome, Jesus de Nazaré, a quem confesso como o Messias, o Cristo. Seu nome é um programa: Je-sus=Deus vai salvar. Não o confundo com “cristianismo”, que se manifesta, historicamente, em uma infinidade de instituições que, ao longo de dois mil anos, lutaram por hegemonia umas sobre as outras, em nada semelhantes com o homem de Nazaré.

As razões

Sou cristão porque fui conquistado por uma criança com membros frágeis, que foi deitada em um cocho, pois não havia espaço para ela em sua sociedade. Não nasceu nem no palácio de Augusto nem no palácio de Herodes, mas entre os animais. Teve pai e mãe, mas precisou nascer na margem da margem, em terra ocupada por estrangeiros, em aldeia insignificante, reverenciada por gente da margem: pastores e pastoras fedorentos e astrólogos nada ortodoxos. Sou cristão porque fui conquistado pelos membros frágeis do crucificado do Gólgota, que me ensinou a ter esperança e a depositá-la no Reino de Deus, utopia que buscou concretizar em sua existência, lembrando as aves do céu, as raposas em seus covis, os lírios do campo, a semente que cresce enquanto dormimos, partilhando cinco pães e dois peixes

e conseguindo saciar quem tinha fome, que soube devolver à mãe o único filho, amparo na velhice, que soube devolver dignidade a excluídos. Com base nesses sinais, manifesto minha esperança no Reino de Deus e procuro comunicá-los, mesmo que de maneira imperfeita e provisória. Estou convicto de que eles são mais importantes do que ciência e técnica e que um mundo secularizado carece, desesperadamente, deles.

Convencido por Jesus

Acredito em Jesus porque fui convencido por ele. Já vai longe o tempo em que se procurava por argumentos filosóficos para entender a Jesus. Penso, por exemplo, nos esforços de Anselmo de Cantuária²⁵ (*Cur deus homo?* Por que Deus se tornou ser humano?). Não existem argumentos racionais para se crer em Jesus, em Deus ou no Espírito Santo. Crer é um presente. Não é nada lógico ou racional ver-se confrontado com uma criança na manjedoura ou com um corpo com estrias azuladas e esverdeadas de tanto apanhar e pendurado na cruz, cair de joelhos e exclamar: “Meu Senhor e meu Deus!”. Isso é presente. E foi assim que Deus se mostrou (teologicamente: revelou-se). Deus tem a cara do crucificado e da criança na manjedoura: é disforme, humano. É o avesso daquilo que nós imaginamos a seu respeito. Só podemos saber a respeito de Deus aquilo que ele nos mostra de si: a criança, o adulto rejeitado, o crucificado. Aí ele se nos torna acessível.

Deus “trino”

Aí se descobre que Deus só pode ser “trino”. Nessa expressão nada há dos malabarismos que teólogos tiveram que fazer para comprovar que Deus, a fé cristã, continua monoteísta. A palavra “trino” ou “trindade” quer dizer de um Deus que

é, essencialmente, comunicação. E como haveria de o inimaginável se comunicar, caso não o fizesse assim como o fez: na criança, no crucificado? Fato é que não podemos falar de Deus de outra maneira do que no paradoxo da cruz. O termo é “paradoxo” mesmo: o Natal e a Sexta-feira-Santa vão contra (pará) a razão (*dóxa*) humana. E esse paradoxo não é eliminado quando cristãos confessam na manhã da Páscoa: “Ele ressuscitou, ele verdadeiramente ressuscitou!”. Também a Páscoa é um paradoxo, mas é um paradoxo que dá sentido ao Natal e à Sexta-Feira-Santa: marginalidade e rejeição, morte e ausência de dignidade não têm a última palavra. A última palavra é: Vida! Confesso que isso me deixa confessar a Deus e a seu Cristo. Isso me deixa confessar também o Espírito Santo, que mostra em Pentecoste que é possível que se fale e entenda a mesma língua, a mesma linguagem, a linguagem do amor incondicional de Deus. A confissão da “segunda vinda” é tão-somente consequência de tudo isso; é a concretização do anseio expresso na prece: “Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade”.

Os valores de Deus evidenciados em Jesus

Não gosto da expressão “valores do cristianismo”. Cruzadas, Inquisição, perseguição a heresias já foram valores. Prefiro falar dos valores de Deus como nos foram evidenciados em Jesus. Esses valores nos ajudam a conviver melhor. Devolvem dignidade, ensinam partilha, fraternidade e sororidade, respeito aos pássaros e às raposas, pois também eles gemem esperando redenção, como bem o entendeu São Paulo. Se partilha e sororidade são valores, o mais importante não será a destruição das matas e dos rios por alguns que, liberalmente, julgam que livre concorrência (entre desiguais!) permite a privatização do que é de todos para a vida, levando à morte. Essa utopia

²⁵ Anselmo de Cantuária (1033-1109), nascido Anselmo de Aosta (por ser natural de Aosta, hoje na Itália), e também conhecido como Santo Anselmo, foi um influente teólogo e filósofo medieval italiano de origem normanda. Foi Arcebispo de Cantuária entre 1093 e 1109 (sucedendo a Lanfranco, ele também um italiano), por nomeação de Henrique I de Inglaterra, de quem foi amigo e confessor, mas depois divergiu com ele na Questão das Investiduras. É considerado o fundador do Escolasticismo e é famoso como o inventor do argumento ontológico a favor da existência de Deus. (Nota da IHU On-Line)

de Jesus é minha utopia e me deixa entender por que falou tão claramente, em relação à sua e à nossa sociedade, valendo-se do conceito “pecado”, e, desde o início de sua pregação, começou a exigir “metánoia”, meia volta, arrependimento e reinício com base nos valores do Reino. Pecado é não deixar Deus ser Deus, assim como ele se nos revelou na criação, em Jesus e no Espírito Santo e, conseqüentemente, privilegiar tudo o que leva à morte.

A morte na sociedade

Nossa sociedade está prenhe de sinais de morte. Pecado é realidade tão presente e tão poderosa que se vale do Natal para, mais uma vez, relegar a Deus à periferia. No centro do Natal, está

o símbolo de um refrigerante que, pretensamente, dá presentes a todos, menos o mais importante. No centro do Natal, está um aparelho fruto de maravilhosa técnica, que promete maior comunicação entre pessoas, mas não tira seres humanos da marginalidade e da solidão. Só seremos pessoas mais humanas se aprendermos a olhar para onde Deus olhou, para as profundezas. Se o encontrarmos ali, ali também encontraremos a todos os que ele vê e poderemos encetar caminhada rumo ao Reino. Venha o teu Reino.

Na noite do Natal, gostaria de me ajoelhar aos pés da manjedoura e cantar com Bernardo de Claraval²⁶, com Paul Gerhardt e Johann Sebastian Bach²⁷: “Ich steh na deiner Krippe hier, o Jesu du mein Leben!” (“Aos pés da manjedoura estou, Jesus ó vida minha...!”).

²⁶ Bernardo de Claraval: conhecido também como São Bernardo, era oriundo de uma família nobre de Fontaine-les-Dijon, perto de Dijon, na Borgonha, França. Nasceu em 1090 e morreu em Claraval em 20 de Agosto de 1153. Aos 22 anos, foi estudar Teologia no mosteiro de Cister. Em 1115, fundou a abadia de Claraval, sendo o seu primeiro abade. Naquela época, enfrentou inúmeras oposições. Apesar disto, acabou reunindo mais de 700 monges. Fundou 163 mosteiros em vários países da Europa. Durante sua vida monástica, demonstrava grande fé em Deus serviu à igreja católica apoiando as autoridades eclesiásticas acima das pretensões dos monarcas. Em função disto, favoreceu a criação de ordens militares e religiosas. Uma das mais famosas foi a ordem dos cavaleiros templários. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁷ Johann Sebastian Bach (1685-1750): músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. Nasceu no seio de uma família de músicos. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. Muitas das suas obras refletem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional impressionante. (Nota da **IHU On-Line**)

“Temos mais razões para ser cristãos hoje do que em outras épocas”

Entrevista com Plínio de Arruda Sampaio

*Plínio de Arruda Sampaio, militante histórico da esquerda brasileira, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT), ex-candidato ao governo do Estado de São Paulo pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSol), é cristão. Ele respondeu, por e-mail, algumas perguntas da **IHU On-Line**, em 18 de dezembro de 2006, argumentando as razões que ainda o motivam a seguir a doutrina cristã nos dias de hoje. Sampaio é ex-deputado federal constituinte, promotor público, consultor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), professor universitário e diretor do jornal Correio da Cidadania. Sobre ele, confira uma entrevista no site www.unisinos.br/ihu, no dia 23 de outubro de 2006, intitulada “O apoio a Lula nesta eleição foi a última prova de confiança”.*

Ser cristão é engajar-se, pelo amor em Cristo, na mesma tarefa que Ele veio realizar: a construção do Reino de Deus – uma sociedade baseada na justiça e na misericórdia. Com fundamento nesta definição, não faltaram razões para ser cristão em nenhuma das épocas da humanidade, porque sempre houve falta de justiça e de misericórdia; sempre os poderosos oprimiram os pobres. Mas eu me atreveria a dizer que, talvez na época atual – essa sociedade desumana que o capitalismo criou –, haja ainda mais razões para ser cristão, porque a técnica e a ciência modernas tornam a vida dos pobres mais submissa aos poderosos e mais despida de sentido do que em outras épocas. Eu acredito no Cristo e na Sua segunda vinda. Ele nos mostrou o Deus trino, porque acredito no Cristo, não posso deixar de acreditar no que Ele ensinou.

A vida e o andaime

Gosto de comparar a nossa vida terrestre ao andaime que os construtores fazem a fim de construir um prédio. Assim como andaime vale como meio para a construção definitiva, a nossa vida terrestre vale como meio de construir a nossa vida definitiva – a vida eterna no seio do Pai. Do mesmo modo que nenhum arquiteto valoriza mais o andaime do que o prédio, o cristão não dá à vida terrestre mais valor do que ela tem. O andaime tem que ser funcional e sólido. Tudo o mais é desperdício, porque ele só existe para ser destruído após a conclusão do edifício. Esta convicção nos ajuda a colocar os acontecimentos da vida numa perspectiva correta. Permite que distingamos o absoluto do relativo e, portanto, a conciliar a justiça com a misericórdia. Não conheço nenhuma receita melhor para favorecer a convivência fraterna entre os homens. A consciência da relatividade da nossa vida humana ajuda também a admirar a criação divina. Animais e plantas, vistos nesta perspectiva, tornam-se motivo de contemplação e fonte de alegria. São Francisco mostrou-nos, de modo admirável, essa relação entre a natureza e o sagrado.

A fé, a ciência e os desafios do cristianismo

Os conhecimentos científicos jamais abalaram a minha fé. Para mim, são duas ordens de saberes distintos e complementares. O verdadeiro discurso da ciência está sempre do lado da vida e

do amor e, portanto, do lado do Cristo. O cristianismo é o conjunto dos cristãos, de modo que os desafios postos ao cristianismo são postos, na verdade, a todos os cristãos. Na minha opinião, neste conturbado início de século, nosso desafio mais sério é a renovação da nossa Igreja. Precisamos fazer um grande movimento para pôr em prática as recomendações do Concílio Vaticano II²⁸, a fim

de despir-nos definitivamente das distorções que séculos de constantinismo introduziram em nossa Igreja e de transformarmos sua ação naquilo que o Cristo sintetizou para João Batista: “A Boa Notícia é anunciada aos pobres”.

²⁸ Concílio do Vaticano II: começou sob o reinado do Papa João XXIII, em outubro de 1962, e terminou sob o reinado do Papa João Paulo VI, em 1965. Nestes três anos, com grande abertura intelectual se discutiu e regulamentou temas pertinentes à Igreja sempre visando um melhor entendimento de Cristo junto à realidade vigente do homem moderno. (Nota da **IHU On-Line**)

“A fé cristã é um confiar-se a Deus que se revela no Cristo”

Entrevista com Rosino Gibellini

Rosino Gibellini é doutor em Teologia e Filosofia. Ele dirige as coleções *Giornale di Teologia e Biblioteca de teologia contemporânea*, da Editora Queriniana de Brescia, Itália. Gibellini é autor, entre outros livros, de **A teologia do século XX** (São Paulo: Edições Loyola, 1998). Ele já concedeu várias entrevistas para a revista **IHU On-Line**, disponíveis na página www.unisinos.br/ihu. Uma delas foi sobre o teólogo Karl Rahner, na edição 102, de 24 de maio de 2004, intitulada “Uma Teologia que ajuda a entender o envolvimento de Deus na história do mundo”, e outra na edição número 161 da **IHU On-Line**, de 24 de outubro de 2005, sobre a conjuntura eclesial, intitulada “A controvérsia não é a última palavra”.

O teólogo italiano Rosino Gibellini respondeu algumas questões por e-mail para a **IHU On-Line**, em 18 de dezembro de 2006, refletindo sobre as razões que ainda o fazem ser cristão.

As razões para ainda ser cristão

A ciência e a técnica são uma explicação do mundo no qual vivemos, mas não esgotam a totalidade da realidade e deixam aberto o caminho ao mistério que nos transcende. A palavra de Jesus também atrai o homem contemporâneo, porque nos revela, como explicava Karl Rahner²⁹, que o mistério que nos envolve não é um mistério tremendo, mas um mistério santo que nos acolhe. Jesus infunde-nos a confiança necessária para enfrentar a vida com coragem e esperança.

É verdade que a sociedade moderna é uma sociedade secularizada, mas uma secularização radicalizada torna-se desestabilizante (*entgleisend*) da vida também em nossas sociedades democráticas baseadas no consenso, como o reconheceu recentemente o grande filósofo da política Habermas³⁰, que fala, agora, de sociedade pós-secular,

²⁹ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: **Geist in Welt** (O Espírito no mundo, 1939), **Hörer des Wortes** (Ouvinte da palavra, 1941), **Schriften zur Theologie** (Escritos de Teologia; 16 volumes escritos entre 1954 e 1984), **Grundkurs des Glaubens** (Curso fundamental da Fé, 1976). Em 2004, celebroumos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A **IHU On-Line** n.º 90, de 1º de março de 2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner; e a n.º 94, de 29 de março de 2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento **Abrindo o Livro**, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro **Curso fundamental da Fé**, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na **IHU On-Line** n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no **IHU On-Line** n.º 97, de 19 de abril de 2004, sob o título “Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos”. A edição número 102, da **IHU On-Line**, de 24 de maio de 2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os **Cadernos Teologia Pública** publicaram o artigo “Conceito e missão da Teologia em Karl Rahner”, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da **IHU On-Line**)

³⁰ Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve construir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Sua tese para explicar a produção de saber humano recorre ao evolucionismo de Charles Darwin. Segundo Habermas, a habilidade possibilita desenvolver capacidades mais complexas de conhecer a realidade. Evolui-se assim através dos erros. (Nota da **IHU On-Line**)

enquanto se mostra disposta, na distinção das tarefas, a acolher a contribuição de valores que o cristianismo e a religião podem dar. A pós-modernidade, que caracteriza o nosso tempo, introduz o conceito de pluralidade e mostra-se mais tolerante nos confrontos do discurso religioso. A relação entre razão e fé precisa, por isso, ser reformulada após as contraposições exasperadas da modernidade.

Por que crer em Jesus?

A fé cristã é um confiar-se a Deus que se revela no Cristo e, assim, significa inserir a própria história pessoal numa história maior, que transcorre da criação à escatologia, que se chama história da salvação e que dá sentido às nossas pequenas histórias. Por isso, a Teologia contemporânea recuperou a narratividade bíblica. Crer é um sair do isolamento existencial, pertencer a uma grande comunidade a caminho; é inserir-se numa tradição hermenêutica que atualiza o Evangelho, repensando os dogmas e as verdades da fé. Isso é um conceito bem ilustrado por um teólogo hermenêuta, como David Tracy³¹. E, através da hermenêutica, pode-se dar uma versão das verdades da fé também ao homem da modernidade e da pós-modernidade. Consideremos alguns exemplos. Deus como Trindade diz referência a Deus como comunhão – a Deus como o poder da relação. A ressurreição é promessa de um futuro além do tempo, de um futuro absoluto, e o ingresso numa dimensão da realidade diversa da dimen-

são espaço-temporal. A segunda vinda de Cristo é precisamente o ingresso na nova dimensão da realidade, que dá cumprimento à nossa breve história terrena. É tarefa da Teologia e, em particular, da Teologia Hermenêutica, dialogar e interpretar, e nem sempre os cristãos conhecem aquilo em que crêem. Há alguns anos, o escritor Umberto Eco e o cardeal Martini dialogaram num belo volumezinho que tinha por título *Em que coisa crê quem não crê*; mas também se pode levantar a questão: em que coisa crê quem crê. Baste isso para sublinhar que o nosso tempo é, para o cristão, tempo de convicções e de decisão.

Os valores do cristianismo para um mundo mais humano

O cristianismo funda-se sobre o “Princípio amor”, como bem o ilustrou o teólogo Joseph Ratzinger³², em sua obra principal, ***Introdução ao cristianismo***, de 1968. Este pensamento ele retomou em sua primeira encíclica *Deus caritas est*³³ (2006), que tem sido universalmente bem-recebida pela essencialidade do tema e do tratamento. Poder-se-ia dizer que o gênio do cristianismo é a caridade. E a caridade se faz solidária com todas as pobrezas do mundo: aqui a teologia contemporânea, em particular, a nova Teologia Política e a Teologia da Libertação, escreveu páginas iluminadas.

Também se pode recordar a Teologia Ecológica, que se interroga sobre a solidariedade com a natureza. Uma longa tradição interpretou o mandato

³¹ David Tracy: licenciado e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, e professor de Teologia Contemporânea e Filosofia da Religião, na University of Chicago Divinity School, nos Estados Unidos. Entre seus livros publicados, citamos *The achievement of Bernard Lonergan* (1970); *Blessed rage for order: the new pluralism in Theology* (1975); *The analogical imagination: Christian Theology and the context of pluralism* (1981) (traduzido como *A teologia cristã e a cultura do pluralismo*). São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006); *Plurality and ambiguity: hermeneutics, religion and Hope* (com tradução em francês, alemão, espanhol e chinês) (1987); e *Dialogue with the other* (traduzido para o chinês) (1990). Tracy esteve na Unisinos, convidado pelo IHU, para fazer a conferência “Entre o apocalíptico e o apofático. O fazer teológico na universidade, hoje, a partir da pós-modernidade”, no **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, acontecido em maio de 2004. Ele concedeu entrevista à **IHU On-Line**, n. 103 de 31 de maio de 2004. Confira o artigo “O Deus oculto: o resgate da apocalíptica” de David Tracy, em: NEUTZLING, Inácio (Org.), **A Teologia na universidade contemporânea** (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005, p. 85-98). (Nota da **IHU On-Line**)

³² Joseph Ratzinger: teólogo alemão, atualmente Papa Bento XVI, foi escolhido papa em 19 de abril de 2005, sucedendo a João Paulo II. Autor de uma vasta e importante obra teológica, um dos seus livros fundamentais, ***Introdução ao cristianismo***, está sendo republicado pelas Edições Loyola. (Nota da **IHU On-Line**)

³³ *Deus caritas est*: “Deus é amor” é a primeira encíclica do Papa Bento XVI e trata fundamentalmente do amor divino para com o ser humano. A encíclica foi originalmente escrita no período de férias do Papa em agosto de 2005 e assinada em 25 de dezembro de 2005. Mas sua publicação somente ocorreu em 25 de janeiro de 2006 para que pudesse ser traduzida para diversas línguas. O nome da encíclica recorda a passagem bíblica “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4, 16). (Nota da **IHU On-Line**)

bíblico como “domínio sobre a terra”; com a nova teologia da criação passa-se da categoria de *Verfügung*, ou seja, de uma natureza que está à completa disposição do ser humano como material manipulável e tecnicizável, à categoria de conservação e salvaguarda do criado, e de cooperação com o criado. Aqui se pode recordar a contribuição dada por Moltmann³⁴, pelo último Leonardo Boff³⁵ e pela Teologia Feminista. A Teologia e a Igreja são hoje chamadas a distanciar-se daquilo que poderia ser definido como “olvido da criação”, e a desenvolver todo o potencial teológico e eclesial, mas também cultural e político, da fé na criação.

Os desafios do cristianismo para o século XXI

Os desafios são muitos, porque vivemos no tempo da complexidade, bem-representada pelas novas teologias da comunicação. O principal desafio para o cristianismo é mover-se entre o fundamentalismo e o secularismo.

O fundamentalismo é uma patologia da religião, é a afirmação de uma identidade cultural e

religiosa exclusiva e agressiva, mas a religião autêntica afirma: “Quem calca aos pés o homem, calca o próprio Deus”. Trata-se de elaborar e de viver um cristianismo relacional, que afirma a própria identidade, mas a vive e constrói na relacionalidade, ou seja, no diálogo e na cooperação, em ordem à paz, justiça e salvaguarda do criado.

Em confronto com o secularismo, o cristianismo não pode aceitar ser relegado à esfera privada, porque a sua mensagem tem relevância pública. A fé, embora baseando-se sobre uma revelação, possui um patrimônio de sapiência e de verdade, que é fonte de inspiração para todos. Trata-se, portanto, de estabelecer uma nova relação, e mesmo uma aliança entre razão e fé, na distinção, mas não na contraposição. Gostaria de citar aqui o princípio enunciado pelo teólogo Joseph Ratzinger em confronto com o secularismo: “Não há paz no mundo sem uma justa paz entre fé e razão”, princípio a ser integrado com o princípio enunciado por Hans Küng³⁶ no confronto das religiões mundiais: “Não há paz entre os povos sem paz entre as religiões, e não há paz entre as religiões sem um *ethos* universal e compartilhado”.

³⁴ Jürgen Moltmann (1926): Professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de *Teologia da Esperança* (São Paulo: Herder, 1971) e *O Deus crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã, Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação* (Vozes: Petrópolis, 1993), entre outros. Confira a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos, na *IHU On-Line* n.º 94, de 29 de março de 2004. Desse autor, a editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã* (São Leopoldo, 2003) e *Experiências de reflexão teológica. Caminhos e formas da Teologia Cristã* (São Leopoldo, 2006). O professor Susin apresentou o livro *A vinda de Deus: escatologia cristã*, de Jürgen Moltmann, no evento **Abrindo o Livro** do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, os leitores e leitoras podem conferir, na *IHU On-Line* número 72, de 25 de agosto de 2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ Leonardo Boff (1938-): teólogo brasileiro, da ordem dos franciscanos. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982), foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Confira uma entrevista exclusiva com ele nestes *Cadernos IHU em formação*. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ Hans Küng (1928): teólogo suíço. É padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedica-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, pela editora Verus. Para conhecer sua trajetória, cfr. Hans KÜNG. *Libertad conquistada. Memórias* (Madrid: Trotta, 2004). Conferir também os *Cadernos Teologia Pública* 33, intitulado “Religiões mundiais e Ethos Mundial”, de Hans Küng. (Nota da *IHU On-Line*).

“A fé é a entrega radical a Deus”

Entrevista com João Batista Libânio

João Batista Libânio é licenciado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em Letras Neolatinas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e em Teologia, pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha. Libânio é também mestre e doutor em Teologia, tendo cursado o seu doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Libânio leciona Teologia no Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte. Esteve, no IHU, participando do Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – Marcos, trajetórias, prospectivas em 11 de agosto de 2005. Sobre esse assunto, ele concedeu uma entrevista publicada nesta mesma edição, na editoria Eventos, na seção IHU em revista. Libânio ministrou a conferência “O Lugar da Teologia na sociedade e na universidade do século XXI”, em 2004, no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, promovido pelo IHU e publicada no livro **A Teologia na universidade contemporânea** (Org. Inácio Neutzling, São Leopoldo: Unisinos. 2005, p. 13-45). É autor de, entre outros, de **Teologia da revelação a partir da Modernidade** (5. ed. São Paulo: Loyola, 2005); **Eu creio – Nós cremos. Tratado da fé** (2. ed. São Paulo: Loyola, 2005); **Qual o caminho entre o crer e o amar?** (2. ed. São Paulo: Paulus, 2005); e **Introdução à vida intelectual** (3. ed. São Paulo: Loyola, 2006). A **IHU On-Line** entrevistou João Batista Libânio na 103^a edição, de 31 de maio de 2004, e dele publicou um artigo na 136^a edição, de 11 de maio de 2005. Sua contribuição mais recente aconteceu na edição 150, de 8 de agosto de 2005. Ele concedeu uma entrevista à **IHU On-Line** sobre “O olhar teológico sobre a paternidade”.

“A fé não é racional, mas razoável. Não é racional porque não se conclui com evidência de nenhum argumento racional. Crer ou não crer não resulta de ser inteligente ou rude, intelectual ou iletrado. A fé não se deixa reduzir totalmente às categorias da racionalidade humana de alguma filosofia”, afirmou por e-mail o filósofo João Batista Libânio, em entrevista exclusiva à **IHU On-Line**, em 18 de dezembro de 2006. Em sua opinião, “a fé é entrega radical a Deus”.

A relevância de Jesus e sua mensagem

A epístola aos hebreus manifestou certeza impressionante ao afirmar que “Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo também pelos séculos” (Hb 13, 8). O autor ousou dizer, logo no início do cristianismo, que Jesus tinha valor e significado permanentes. E, vinte séculos depois, fazemo-nos a mesma pergunta e damo-nos a mesma resposta. Se Cristo permanece até hoje com extrema significação, ser seu seguidor participa da mesma relevância. E por quê? Distingo três níveis de relevância de Jesus e, por conseguinte, de adesão à sua mensagem.

Em nível puramente sociocultural. A proposta de sociedade feita por Jesus conserva enorme atualidade e permanece ainda no nível da utopia, tão grandiosa fora. Depois de dois milênios, os humanos não conseguiram, embora tivessem tentado de várias formas, realizar o projeto humano de convivência imaginado por Jesus. Os princípios básicos são extremamente simples na formulação. Indicarei alguns deles. A lei fundamental da relação humana define-se pelo mandamento

novo de que nos amemos uns aos outros, assim como o Senhor nos amou (Jo 13, 34). E como ele nos amou? Até o perdão dos inimigos: “Pois eu vos digo: Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para serdes filhos de vosso Pai que está nos céus” (Mt 5, 44s). E, no sermão escatológico, teceu a página do amor anônimo: dar de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, acolher os estrangeiros, vestir os nus, visitar os doentes e encarcerados (Mt 25, 35). Imaginemos uma sociedade construída sobre esse alicerce do amor radical e preferencialmente pelos segregados sociais. Se muitos consideraram o saldo positivo maior do primeiro mandato do governo Lula o Bolsa Família, o que pensar de toda a sociedade estruturar-se em torno da proposta de Jesus e não simplesmente um programa periférico? Vale a pena, socioculturalmente, empenhar-se em tal utopia. O sonho socialista hauriu muito da proposta de Jesus. Mas fracassou porque esqueceu um ingrediente necessário para Jesus: tal opção pelo amor não vem imposta, mas nasce da conversão do coração. S. Paulo usa a expressão de “homem novo” em contraste com o homem velho, feito de egoísmo, da autopromoção, altamente cultivado na sociedade capitalista.

Alcance universal

A sociedade moderna da técnica e da ciência permanece fundamentalmente no nível dos meios, dos instrumentos. Não atinge os valores. E a proposta de Jesus ultrapassa tal patamar. O alcance universal lhe vem precisamente por não se deter na imediatidate instrumental, que sempre varia, mas em falar à dimensão última do ser humano enquanto pessoa e sociedade. Por isso, guarda valor definitivo e não presas a conjunturas geohistóricas.

A proposta de Jesus vai além do projeto histórico-social. Afeta a visão e a compreensão de Deus. É religioso. Aqui também mantém atualidade e relevância única. A imagem de Deus nas culturas oscila entre dois extremos. As tradicionais alimentam a onipotência e a arbitrariedade de um

Ser Supremo, que os ritos administrados pelos sacerdotes apaziguam. Daí vem o poder sacerdotal até às raias do despótico. Dele o povo simples, temeroso, depende e a ele se submete. A cultura moderna lançou fora tal domínio de Deus. No primeiro momento, pensou-se que foi libertação. No entanto, ao defender o ateísmo, ela gestou vida sem sentido e sociedade sem fundamento ético. O preço não foi menor. Em vez do poder clerical, outros assumiram-lhe o bastão não menos severo e ameaçador. A relevância da proposta cristã manifesta-se precisamente em contraposição aos extremos. Liberta-nos das crenças divinas, do poder totalitário da religião ao anunciar um Deus Pai. O amor é-lhe a natureza do próprio ser. Logo, tudo o que se opuser ao amor contradiz a figura do Deus cristão. Em resposta ao secularismo ocidental, oferece fundamento absoluto para a ética: Deus-Amor. Ela não se tece de mero consenso, laboriosamente construído entre nós, mas decorre da exigência do amor ao irmão, fundado no amor de e a Deus. O amor é a única realidade que consegue vincular internamente a liberdade sem ser opressão. Paulo formulou-o com clareza ao dizer que a única coisa que nos obriga é o dever da caridade. “A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, a não ser o amor com que deveis amar-vos uns aos outros. Porque quem ama o próximo, cumpri a Lei” (Rm 13, 8). O anúncio de um Deus que é Pai e amor guarda enorme atualidade.

Mais profundamente, ser cristão permanece ainda mais claramente válido. Ser cristão significa seguir a Jesus Cristo, filho de Deus. Deus nunca é transitório. Não se pode crer em Deus por um tempo. Já não seria crer. Tudo que afeta a Deus é absoluto, definitivo. As mudanças culturais tocam unicamente maneiras concretas de expressar a condição cristã, mas não põem em questão o fato de ser cristão. Enquanto Deus for Deus, ser cristão, aderindo a ele na pessoa do Filho, manterá sentido. A realidade cristã se desfaria se o último sentido da realidade humana fosse o nada, o absurdo. Mas se for o Ser, o Sentido, vale a pena entregar-se àquele que é a palavra escatológica de Deus na história: Jesus Cristo.

“A fé não é racional, mas razoável”

Antes de tudo, a fé não se dependura no final de um raciocínio. Isso é filosofia. Nem se baseia na evidência de fatos constatáveis. Deixemo-lo para as ciências. A fé existe primeiro como dom de Deus. A iniciativa vem de cima. Aí está o conteúdo central da conversa de Jesus com Nicodemos. Faz-se mister nascer do alto, da água e do Espírito, para ver o Reino de Deus, isto é, para seguir a Jesus, ser cristão (Jo 3, 3). Tudo começa com o primeiro toque de Deus. J. Alfaro, nas pegadas de Santo Tomás, usa a bela expressão de que a fé se inicia no coração humano por meio da “atração da Verdade primeira”. De dentro da fé, buscamos razões de credibilidade que nos permitem justificar a nós mesmos e a outros que o peçam a “razoabilidade” da fé em Cristo, do fato de ser cristão. Há duas palavras parecidas, mas de sentidos bem diferentes a respeito da reflexão em curso. A fé não é racional, mas razoável. Não é racional, como dissemos acima, porque não se conclui com evidência de nenhum argumento racional. Crer ou não crer não resulta de ser inteligente ou rude, intelectual ou iletrado. A fé não se deixa reduzir totalmente às categorias da racionalidade humana de alguma filosofia. No entanto, é razoável. Significa que não renunciamos à rationalidade de ser humano para crer. Portanto, é dolorosamente falsa a afirmação repetida por alguns que se julgam heróis na fé: “creio porque é absurdo”. No absurdo, não se pode crer. A fé é entrega radical a Deus. E o cristão reconhece em Jesus o Filho, o enviado, o mensageiro escatológico de Deus. E, por isso, crê nele. Para tanto, encontra mil sinais de credibilidade, de razoabilidade por meio do testemunho dos discípulos e da longa Tradição de dois mil anos de fé cristã. As mudanças culturais pedem contínuas reinterpretações da maneira de ser cristão e do conteúdo fundamental dessa fé.

Trindade, ressurreição e parusia

Agora falarei sobre esses três pontos importantes: Trindade, ressurreição e parusia, ou vinda gloriosa final de Jesus. De cada uma, indicarei um

elemento de razoabilidade para a cultura moderna. Para a Trindade, basta citar a bela frase de Leonardo Boff: “No princípio, está a comunhão dos Três e não a solidão do Um”. Confessar a Trindade significa, entre outras coisas, dizer que o último fundamento do ser humano é a comunhão com os outros e com o Outro, e não a solidão egoísta. Imaginem as consequências de asserção tão densa e profunda para uma economia, política e cultura da comunhão. A ressurreição afirma que nada do ser humano de bondade e de justiça se perde e que ele, na totalidade – isso significa corpo e alma –, viverá da e para a eternidade de Deus. Somos cidadãos eternos.

A parusia afirma a glorificação geral da história e do cosmos, passando pelo ato purificador e recriador de Deus. Tais verdades da fé cristã apontam valores que ajudam a conviver melhor com os outros seres humanos, com os animais e com a natureza. Na base da convivência, está a comunhão. Se o cristão se convence de que se origina da comunhão trinitária e anuncia-a aos outros, resulta-lhe a necessidade de antecipar nas sociedades terrestres a comunidade que será o convívio eterno. A ressurreição e a parusia mostram a raiz última e profunda do respeito na relação com as coisas. Não se trata unicamente do argumento centrado no ser humano de que o ecocídio nos destrói a nós também, mas avança-se a uma sacralidade transcendente. Base para a mística ecológica.

Fé e razão – incompatíveis ou complementares?

Tal foi o tema central da luminosa encíclica de João Paulo II *Fides et ratio*. Funda-se na lídima tradição tomista. Deus é o princípio de ambas. A revelação é autocomunicação de Deus, ao ser humano em vista de sua salvação. O fiel, que crê, estriba-se nela. Acolhe-a como fundamento último de sua existência e salvação. A razão humana é criada por Deus como a faculdade feita para a verdade. Deus é a verdade no ser e os conhecimentos humanos participam de tal verdade. Qualquer choque vem de falsa intelecção de uma das duas

realidades ou de ambas. Portanto, cabe dialogar para elucidá-lo. Na imagem de João Paulo II, fé e razão são as duas asas para voarmos até Deus. Segundo ainda o itinerário do Papa, quando fé e razão se divorciam, ambas sofrem detimento. A fé perde a necessidade de buscar razoabilidade e razões que a ajudem a perceber que ela é um ato do ser humano. Cai facilmente em emocionalismo, fanatismo, fundamentalismo, perigosos pela inerente irracionalidade. A razão, ao afastar-se da fé e ao arvorar-se em última instância de verdade e de bem, corre o risco do desvario orgulhoso, da autonomia absoluta, que, quando se percebe frágil e ameaçada pelo erro, arrisca viver no provisório sem horizontes de transcendência. E, assim, abdica da dignidade de chegar à Verdade para a qual foi criada, contentando-se com o regime de verdades fracamente relativas, sem garantia de universalidade e definitividade.

Se parece tão simples a relação entre fé e razão, por que tantos problemas, não só no passado, mas até hoje? A revelação de Deus, absoluta e fundamento da fé, é transmitida no interior da cultura humana passageira e limitada. Confundir tal condição do conhecimento humano com a incapacidade de atingir a Deus abre espaço para negar qualquer valor e verdade absolutos. Do lado da fé, importa ter lucidez para distinguir aspectos relativos próprios de toda linguagem humana e a realidade absoluta do Deus que se revela a si e o designio salvífico, que são absolutos. E, do lado da ciência, cabe também distinguir em que ela tem palavra a dizer sobre aspectos equivocados da linguagem da Revelação, e nisso purificar os conhecimentos religiosos, e em que ela pretende ultrapassar o próprio horizonte de saber, querendo negar o Absoluto da revelação. Portanto, resta um só caminho: lúcido, corajoso e livre diálogo com a consciência dos limites do próprio saber e da originalidade e peculiaridade do outro.

O cristianismo no século XXI

No livro *Qual o futuro do Cristianismo* (São Paulo: Paulus, 2006), comento que os tempos pós-modernos em que vivemos caracterizam-se

por doentio presentismo, corroendo a esperança e as utopias. E, como o presente favorece os países, classes e indivíduos ricos, a cultura pós-moderna acaba por ser politicamente reacionária. Conseqüentemente, acentuam-se os traços hedonistas e consumistas. O cristianismo, ao encarnar-se na história humana, em profunda comunhão com as classes desprezadas, foi embalado, desde o início, por perspectiva de esperança e por traços escatológicos. E nisso alimentou a história da utopia no Ocidente (J. Servier, *Histoire de l'utopie*. Paris: Gallimard, 1967). Com o triunfo da Cristandade, ele julgou ilusoriamente ter realizado o projeto do Reino de Deus e sedou a ânsia utópica. Hoje, vivenciamos barbáries não menores que as piores vistas na história. Implantou-se terrível situação de injustiça social para os pobres. E, mais uma vez, o cristianismo é provocado a empunhar a bandeira utópica da libertação dos pobres, da civilização do amor, da sociedade das bem-aventuranças. Tarefa hercúlea.

A secularização vem amadurecendo a ponto de estar já produzindo o fruto sazonado do secularismo ateu. Em tal situação extrema, encontra-se o cristianismo diante do dilema do silêncio da teologia da morte de Deus ou do anúncio profético de Deus. Mas não de qualquer Deus, e sim do Deus do amor. E isso continua válido onde o secularismo se impõe. Nessa linha, tem escrito com enorme pertinência o teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga.

Paradoxalmente, assistimos ao reverso do fenômeno: a explosão religiosa. Então, o desafio é outro. Com as grandes tradições religiosas não-cristãs, impõe-se o lúcido diálogo inter-religioso, em que a clareza das próprias identidades se confronta com a positividade das alteridades de modo que no final todos saiam enriquecidos. Entre as denominações cristãs, o diálogo ecumênico faz-se ainda mais imperioso. Em alguns casos, já vai avançado e em outros esbarra com problemas no campo dos ministérios e dos sacramentos. E, diante da atmosfera religiosa que se carrega de tanto magnetismo difuso de denominações pentecostais e neopentecostais, a Nova Era e expressões religiosas altamente exóticas, cabe ao cristianismo a tarefa de verdadeira evangelização.

Anunciar, como fez no Império Romano, para dentro do panteon, a originalidade de Jesus Cristo, que converte e assume de modo que surja um cristianismo com novos rostos.

Crise ética

O mundo moderno vive gigantesca crise ética, que afeta grandemente a convivência humana, a política e a relação com a natureza. A proposta cristã orienta-se na linha de uma ética do cuidado (L. Boff, **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999), que atinge o conjunto das relações, da ética na política que se contrapõe à tsulama atual e uma ética ecológica que cria nova concepção de ser humano em face da natureza.

Na limitação do espaço, indico mais um desafio para finalizar. O cristianismo iniciou a carreira histórica sob o impacto da ordem de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei. Eis que eu estou convosco, todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 19-20). E tentou fazê-lo geograficamente, ao levar a todas as regiões do mundo a mensagem já pronta. Hoje, é impensável impor uma cultura às outras. Desafia-nos, portanto, a inculturação em profundidade, sobretudo nas culturas do Oriente, da África e em regiões da Ameríndia. Mas o mais grave é que

se constrói no próprio Ocidente de alta tecnologia uma nova subjetividade devedora a nenhuma cultura exótica, mas fabricada pela tecnociência. A pretensão é plasmar artificialmente o sujeito humano por meio da biotecnologia já acessível. E isso transforma a consciência ocidental, não só daquele que será fabricado de outra maneira diferente da do amor conjugal humano, mas, sobretudo, daquele que se julga doravante ser criador e senhor também da vida humana de modo que nunca tinha sido. Próximo, para não dizer igual, ao do Criador. Como anunciar o evangelho à cultura da Biotecnologia? Tornando mais complexa a situação de tal novo sujeito, à Biotecnologia avançada soma-se a tecnologia da comunicação transformada em nova cultura. Nesse universo novo, altamente artificial e produzido pela fábrica humana, cabe ser cristão e testemunhar aquele que se fez pobre entre os pobres, pequeno entre os pequenos. Trata-se de um contraste fabuloso. Na sociedade por excelência do conhecimento, desafia-nos testemunhar o Logos divino, que, ao fazer-se carne e história, não optou por escrever nem por deixar obras folhudas, nem por trilhar o caminho dos poderosos e intelectuais, mas pregou na linguagem simples e pobre do povo. É o paradoxo de um Paulo anunciando no areópago o Cristo morto e ressuscitado alheio à cultura grega. No imenso palco da sociedade dos avanços tecnológicos e científicos, anunciamos o camponês e artesão da Galiléia de parábolas rurais e ribeirinhas. Eis o desafio!

Sobreviver e conviver

Entrevista com Paulo Soethe

Paulo Soethe é graduado em Letras Alemão-Português, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), e mestre e doutor em Letras, pela Universidade de São Paulo (USP), com a tese Ethos, corpo e entorno. Sentido ético da conformação do espaço em Der Zauberberg e Grande sertão: veredas. Soethe cursou pós-doutorado na Universidade de Tübingen, na Alemanha. Ele é professor na Universidade Federal do Paraná (UFPR), e autor de uma vasta produção acadêmica, entre artigos, traduções, capítulos de livros e resumos, entre outros. Entre suas atividades atuais, destacamos o Convênio com a Universidade de Leipzig (Programa Unibral – CAPES/DAAD), bem como o projeto Riobaldo encontra Vupes: influxos da cultura de língua alemã na obra de João Guimarães Rosa (CNPq 420078/01-0), junto ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Soethe mencionou, com exclusividade à IHU On-Line, em 18 de dezembro de 2006, que um dos maiores desafios do cristianismo para o século XXI é sobreviver e conviver. Além disso, outro obstáculo a ser vencido é “tornar possível que onde haja fé ela venha à tona de maneira relevante e plena. O desafio está em adaptar as práticas e rever os papéis das comunidades e líderes. Pegas de surpresa, as estruturas eclesiásticas de poder viram-se subtraídas de sua relevância social e política e parecem-me ter entrado em um processo fatal de autocentramento”.

Deus se conhece de modo mais intenso na primeira infância

Tenho para mim que ser cristão não depende primeiramente de uma decisão pessoal. O acaso

histórico, por exemplo, determina que já se nasça cristão. Sei que isso não soa piedoso, mas negar tal coisa é ignorar a causa mais freqüente e decisiva de se ser cristão hoje. E, teologicamente, segundo a memória da comunidade de fé cristã, Deus pode intervir bruscamente no curso da vida de alguns, como aconteceu com Saulo, ou pode oferecer-se discreto no dia-a-dia, a partir da infância, como no caso de Jesus mesmo, ou das muitas crianças que nasceram no seio da comunidade dos primeiros cristãos. Talvez a tradição insista demais na dramaticidade das conversões, promova exageradamente a importância de um clero ou de um laicato militante e agressivo, obcecado por salvar as almas, e negligencie o que já está potencialmente dado na vida das pessoas. Penso aqui, afinal, sobre ser cristão como uma condição historicamente determinada, mas essencial, tanto quanto o fato de se pertencer a uma família, ter determinada nacionalidade ou falar certa língua materna.

Ter a experiência primeira do cristianismo no seio da família, pelas mãos e gesto dos pais, pelo convívio com o irmão, parentes, vizinhos, colegas da escola, primeiras professoras, é algo que alimenta para o resto da vida. Tenho profunda convicção de que conhecemos Deus de modo mais intenso, na primeira infância, nos momentos mais ou menos freqüentes de revelação do mundo que nos cerca, quando Ele, pura e simplesmente está lá, nas pequenas coisas, nos carinhos, nas formas, nos sons, na natureza que se descobre como criação, nas refeições em comum, na dor que se suporta porque outros a tem maior. Nessa fase, apreendemos o mundo de maneira essencialmente estética: Deus (nominalmente presente ou não) é, então, o nexo tácito de uma obra-prima e plu-

ral, é a totalidade das coisas, e, ao mesmo tempo, um interlocutor descomplicado e amoroso, com uma vontade clara em relação ao que é bom e correto. Tudo isso antecede qualquer doutrina, pode ser a experiência de qualquer um, em qualquer cultura e circunstância. E, se nessa vivência do mundo e dos outros, está também a pessoa de Jesus, como amigo e modelo, como protagonista das histórias mais importantes, então o cristianismo está dado, e aí se pode cumprir, com certa fleuma, o aprendizado da doutrina e dos ritos, e às vezes, sobreviver a eles, com paciência. (Por isso, a não ser de maneira accidental, por meio da presença e convívio espontâneo, não tenho o mínimo pendor “missionário” no sentido de promover conversões, ou imiscuir-me no acaso histórico de outros que nascem sob circunstâncias de fé diferentes.)

“Educação estética do homem”

Isso tudo soa romântico, e é assim mesmo que vejo. O fundamento de ser cristão hoje é a vivência pessoal da totalidade e da criaturalidade como experiência estética e pré-consciente, sobre-tudo na primeira infância. Sobre esse alicerce é que acredito ser possível dar-se a inserção prática na sociedade complexa, sob um espírito cristão. Entendo, inclusive, que a grande lacuna na execução do projeto ocidental de modernidade se deva à negligência da “educação estética do homem”. O que nos falta para resistir, de maneira efetiva, aos abusos a que hoje nos submetemos é a memória e a partilha de nossas primeiras experiências individuais de totalidade vividas na primeira infância. Falta-nos estender, de maneira efetiva, ao nosso contexto social e econômico o que potencialmente já fomos nos primeiros momentos de nossa descoberta individual do mundo.

Por isso, no meu caso pessoal (que penso ser o de muitos), eu simplesmente responderia que sou cristão porque fui assim como menino. E minha lida positiva com a ciência, com a técnica, com a secularização ou com a pós-modernidade (esse embate nem sempre responsável com a idéia de dissolução de quaisquer parâmetros ab-

solutos), está marcada pela fidelidade ao menino que fui. Não tenho grandes dúvidas em relação ao que seja bom e correto nas circunstâncias de atuação concreta diante dos outros. Lembro-me da infância. E, também por lembrar-me dela, tenho uma grande certeza: posso estar sempre enganado, porque o nexo da obra de que sou personagem não me pertence. Esse nexo é por si mesmo e existe para além de mim.

Por que acreditar em Jesus, no Deus Uno e Trino, na ressurreição e na segunda vinda de Cristo?

Essa pergunta é bem mais difícil. É pessoal demais, e ao mesmo tempo suscita muito facilmente o conflito com a doutrina. Sobre aquilo de que não se pode falar, é melhor calar. Ainda assim, por que acreditar em Jesus penso já ter respondido antes: ele é o protagonista das histórias mais importantes que se repetem sempre que olho o mundo. Ele vive nos outros e em nosso liame com os outros, segundo a definição que deu de si mesmo. Sua ressurreição, acolhida máxima pelo Deus Pai, é o fato da superação da morte como fim último e como parâmetro último em nossa existência. Crer na ressurreição é ter como inquestionável o valor da vida humana individual, sob qualquer circunstância. O evangelista João diz escrever os relatos para que creiamos neles, e diz que seu testemunho é conforme a verdade. Isso basta, e por isso não imagino que possa contribuir com o debate trinitário, a não ser lembrando a bela imagem de que mesmo Deus não é um só, mas existe no diálogo e na convivência de três pessoas. Quem seríamos nós, então, para proferir dogmas sobre Ele? Essa espiral nos confere sobrevida como cristãos: cremos porque não sabemos, e, ao não sabermos sobre Deus, proclamamos da forma mais efetiva nosso fascínio e amor por Ele e sua presença entre nós. Sobre a segunda vinda de Cristo: mesmo os primeiros cristãos pareciam confusos ao interpretar literalmente essa expectativa. E, hoje, vejamos o quanto da religiosidade mais fundamentalista, no meio cristão, se apóia sobre fantasias escapistas e uma escatologia apoteótica.

Prefiro ficar com a última fala de Jesus no evangelho de João: “Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa?”.

Convivência com o mundo

Penso haver, sim, uma maneira propriamente cristã de conviver com o mundo, firmada para muitos desde a infância, ou então adquirida pelo convívio e partilha das experiências em uma comunidade que resgata e enriquece vivências humanas fundamentais à luz da experiência de uma comunidade de fé cristã. A maneira cristã de conviver com o mundo não é uma ajuda para o convívio ou uma contribuição para compreender a realidade. Ela é, para o indivíduo, uma forma radical e plena de atuar, conviver ou compreender.

Fé e razão

O cristianismo, como atitude fundamental, emoldura a atitude e a consciência dos cristãos. A ciência é um fato da sociedade, e a razão, uma dimensão incontornável da presença humana no mundo. Os ensinamentos de Jesus têm pouco a dizer sobre a ciência moderna em sentido estrito, e é insensato supor que eles possam controlá-la. Mas eles podem ser relevantes, sim, para as atitudes e decisões de quem conduz a prática e as políticas científicas nos dias de hoje. Trata-se de um grande desafio para as igrejas cristãs estabelecer diálogo com os meios científicos. Isso depende de um nível altíssimo de especialização prática e teórica. E, mais ainda, da intermediação de contatos

e diálogo entre cientistas e pesquisadores de alto nível que se entendem como cristãos.

Reinventar Paulo de Tarso

Não posso contribuir de maneira adequada com essa questão. Tenho claro, no entanto, que a teologia paulina e sua prática de disseminação do cristianismo foram decisivas para a imagem que temos hoje da presença do cristianismo e da Igreja na história, inclusive negativamente, como modelo que se vê superado pela realidade, em um mundo ocidental pós-cristão e em um panorama global claramente multirreligioso. Talvez precisemos reinventar Paulo de Tarso, como ele, de certo modo, reinventou Jesus para a Antigüidade greco-romana.

Desafios do cristianismo

Sobreviver e conviver. Tornar possível que onde haja fé ela venha à tona de maneira relevante e plena. O desafio está em adaptar as práticas e rever os papéis das comunidades e líderes. Pegas de surpresa, as estruturas eclesiásticas de poder viram-se subtraídas de sua relevância social e política e parecem-me ter entrado em um processo fatal de autocentramento. O motor roda em ponto morto. E, enquanto isso, cada vez menos crianças têm tempo para descobrir o mundo de forma cristã, e menos tempo ainda para lembrar-se, como adultos, do convívio que possam ter tido com o interlocutor descomplicado e amoroso, que pouca gente ainda tem coragem de chamar pelo nome.